

LISBOA

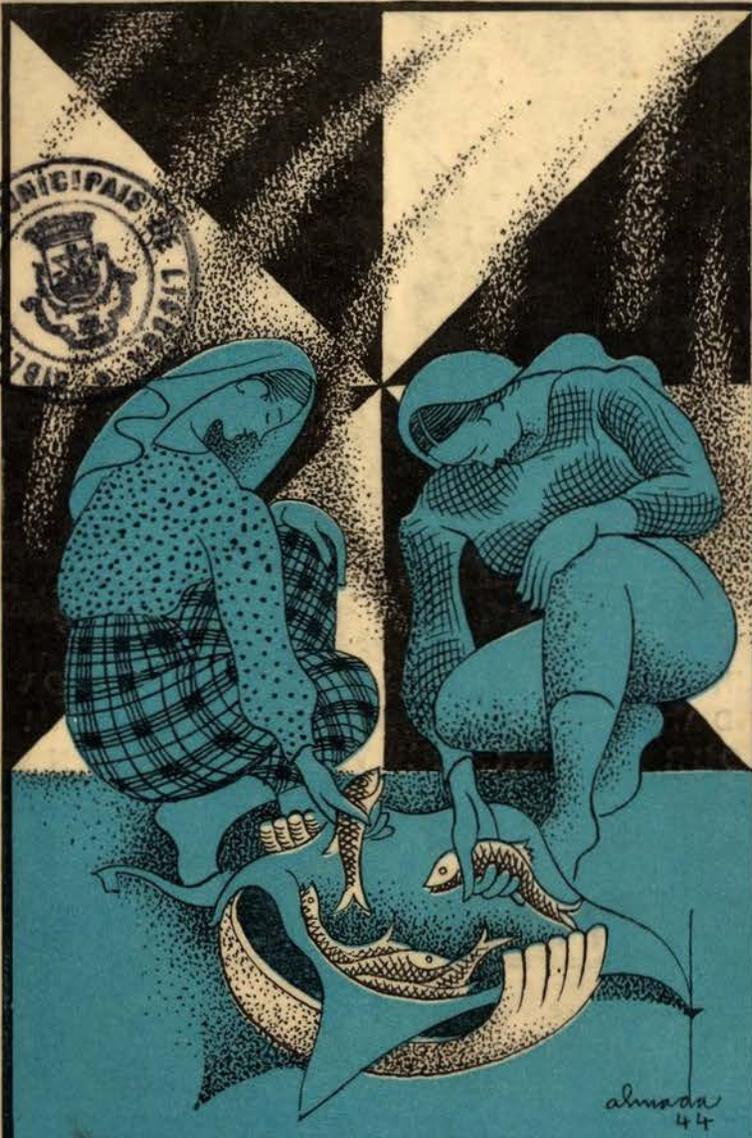
BOLETIM DO
GRUPO

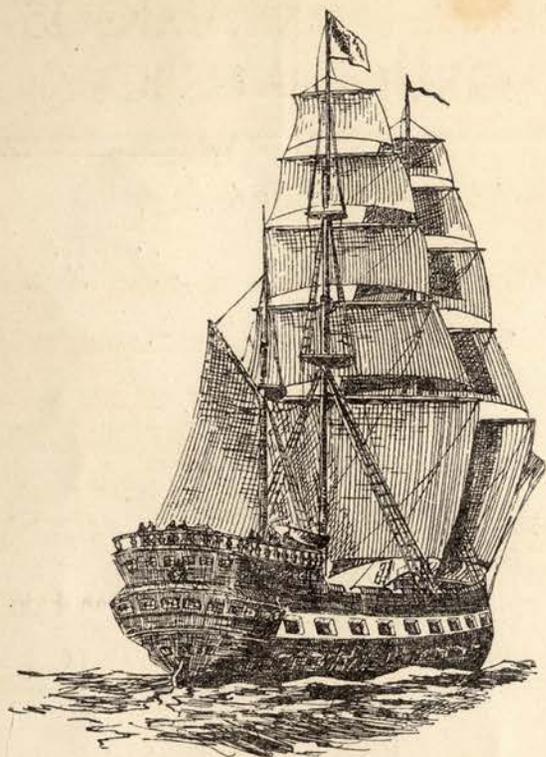
"AMIGOS DE
LISBOA"



ANO XI
N.º 41

JANEIRO
1948





AINDA DURANTE MUITOS ANOS SAIU A NAU DA
INDIA, JÁ AS VIDAS E OS BENS, QUE ANDAVAM
SOBRE O MAR, FICAVAM SEGUROS NA

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

LARGO DO CORPO SANTO, 13 — LISBOA
RUA SÁ DA BANDEIRA, 90, 1.º — PORTO



FUNDADA EM 1835

FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAVÉM, L.^{DA}

TEL. P.B.X. FAIANÇAS TEL.
2 4958 DE LOIÇA
2 3902 FANTASIA LISBOA

LOIÇAS DE USO DOMÉSTICO

AZULEJOS

MOSAICOS

LOIÇA SANITÁRIA E
DE GREZ CERAMICO

A MAIS PERFEITA FABRICAÇÃO

LISBOA

AV. DA LIBERDADE, 49 / 57

POURO

COIMBRA

R. CARMELITAS, 40 R. DR. M. RODRIGUES, 13
Tel. 2 2033 Tel. 3546

E. Pinto Basto & C. L.^{DA}

L I S B O A

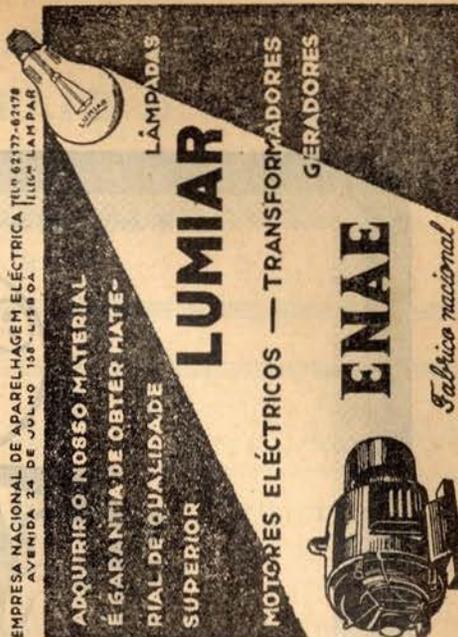
TRANSPORTES
MARÍTIMOS E AÉREOS
CARVÃO — SEGUROS
REPRESENTAÇÕES

(Industriais, etc.)

EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC. — ETC.

NO PORTO

Kendal, Pinto Basto
& C.^a L.^{da}



EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA TEL. 62177-62178
AVENIDA 24 DE JULHO 158 - LISBOA
LAMPAR

LÂMPADAS

LUMIAR

ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL
É GARANTIA DE OBTER MATERIAL DE QUALIDADE SUPERIOR

MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES
GERADORES

ENAE

Fabrico nacional

AO PEDIR

ÁGUA MINERAL

PEÇA

ÁGUA MINERAL CARBONIZADA DAS
Lombadas
ILHA DE S. MIGUEL - AÇORES

LEVE, ESTOMACAL, LÍMPIDA

Efeitos imediatos na digestão

— À venda em toda a parte —



APRESENTO - ME

*Sou o "FAÍSCA"
o seu criado eléctrico*

SEMPRE ÀS ORDENS

PUBL. CRGE. LISBOA - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. M.R. N.º 62272

CIMENTO TEJO

CANTARIAS—MÁRMORES

ANTÓNIO MOREIRA RATO & F.^{os}, L.^{da}

Telefone 60879

Telegramas — RATOFILHOS

Avenida 24 de Julho, 54-F.

LISBOA

Telef. 2 0244 Teleg. PAPELCAR

Papelaria

CARLOS

de Carlos Ferreira, Lda.

34, RUA DO OURO, 38
LISBOA

Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

MÓVEIS DE MADEIRA

PARA ESCRITÓRIO

SEMPRE EM EXPOSIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS

THE MODERN
OFFICE, L.^{TD}

Telef. 2 3465

Rua do Alecrim, 107—LISBOA

AMIGOS DE LISBOA

Para efectuarem os seus Seguros, prefiram a conhecida Companhia Inglesa

LEGAL & GENERAL

com Sede em Portugal na

Avenida dos Aliados, 58 — PORTO

Delegação em LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 15-2.

FOGO — ACIDENTES PESSOAIS — CRISTAIS

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS CRÉDITO E PREVIDÊNCIA

ESTABELECIMENTO AUTONOMO DO ESTADO

SERVIÇOS ANEXOS { **Caixa Nacional de Crédito**
Caixa Nacional de Previdência

TELEFONES (PBX) 31981 a 31989

Depósitos à ordem e a prazo — Empréstimos hipotecários e sobre penhor de títulos — Operações de Transferências e Cobranças — Empréstimos sobre penhor de ouro, jóias e pratas pela Casa de Crédito Popular — Empréstimos Agrícolas e Industriais pela

==== Caixa Nacional de Crédito =====

FILIAIS EM TODAS AS SEDES DE DISTRITO
AGÊNCIAS E DELEGAÇÕES NAS SEDES DE CONCELHO

VINHO DO PORTO

« GRAHAM »

« Emperor »
« Five Crowns »
« Six Grapes »
« Imperial Dry »

— « Tawny » Velhíssimo
— Muito velho e sêco
— « Vintage » Velho do casco
— « Ruby » Leve



GUILHERME GRAHAM JNR. & C.^A

Rua dos Fanqueiros, 7
Lisboa Tel. 20066-9

Rua dos Clérigos, 6
Porto Tel. 26961/2

Distribuidores no Sul

JOSÉ LUIZ SIMÕES — LARGO DO CHIADO, 17 — LISBOA

Os «Amigos de Lisboa»

Preferem, para os seus seguros, a

IMPÉRIO

Uma COMPANHIA DE SEGUROS que honra Lisboa

UM BOM LIVRO
UM BOM JORNAL

SÓ NA



MARCA REGISTRADA

COMPOSIÇÃO MECÂNICA



TRABALHOS GRÁFICOS
EM TODOS OS GÊNEROS



151, RUA DO SALITRE, 155 — LISBOA
T E L E F O N E P B X 5 3 1 7 3 / 4

Empresa Insulana de Navegação

Sede — Rua Nova do Almada, 11-1.º — LISBOA

Telefones: 23271/2/3 — Telegramas: BENS AUDE — LISBOA

CARREIRAS REGULARES ENTRE

LISBOA, MADEIRA E AÇORES

Saídas em 8 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Pico (Lages) e Faial.

Saídas em 23 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Pico (Cais), Faial, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz).

A escala da Ilha do Corvo só se efectua nos meses de Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele porto no mês de Fevereiro, só para troca de correspondência e serviços de passageiros.

AGENTES

EM LISBOA

GERMANO SERRÃO ARNAUD

Carga e passagens de 3.ª classe
Avenida 24 de Julho, 2, 2.º
Telef. 20214/15

Passagens de 1.ª e 2.ª classes
Rua Augusta, 152
Telef. 20216

NO PORTO

J. T. PINTO VASCONCELOS, LIMITADA

Na Madeira

Em S. Miguel

BLANDY BROTHERS & C.º, L.ª

BENSAÚDE & C.ª, L.ª

ÂNGELO G. RAMALHEIRA

— — — — — ENGENHEIRO CIVIL — — — — —

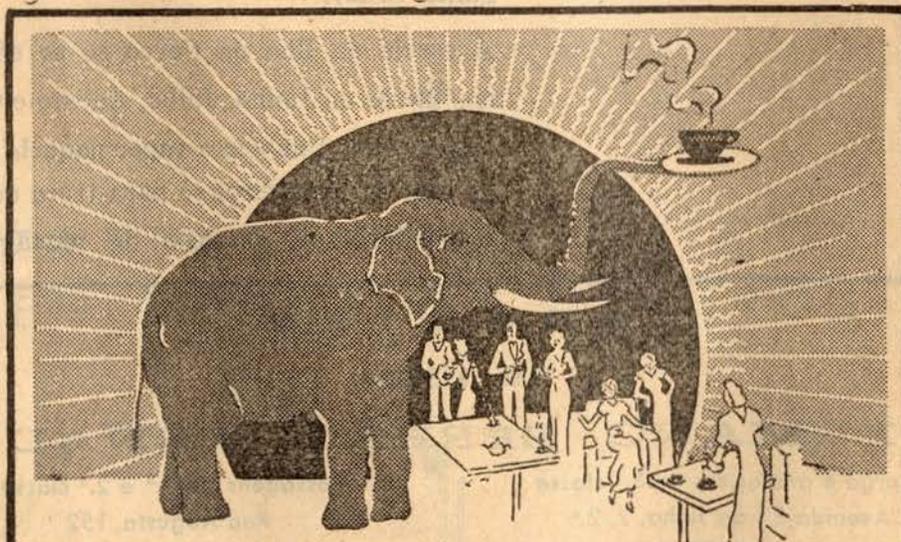
CONSTRUÇÕES
PROJECTOS DE ESTABILIDADE
BETÃO ARMADO

Av. Oriental do Parque Eduardo VII, 14, r/c.-E.

TEL. 4 9313 — LISBOA

— e —
Rua Fonseca Cardoso, 20, 2.º

TEL. (provisório) 5150 — PORTO



CHÁ CELESTE

preto e verde, uma delicia!

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Carreiras regulares para:

**Cabo Verde — Guiné — Africa Ocidental
e Oriental — Brasil e America do Norte**

F R O T A

TONELADAS DE DESLOCAMENTO

NAVIOS DE PASSAGEIROS:

«Pátria»	19.000 ton.
«Império» (em construção)	19.000 »
«Mouzinho»	14.150 »
«Colonial»	14.100 »
«Serpa Pinto»	13.100 »
«João Belo»	12.000 »
«Guiné»	6.000 »

NAVIOS DE CARGA:

«Ganda»	13.950 »
«Amboim» (em construção)	13.950 »
«Luanda» (em construção)	13.900 »
«Benguela»	12.500 »

NAVIOS DE CARGA:

«Lugela»	12.200 ton.
«Huambo»	10.200 »
«Luango»	9.000 »
«Pungue»	8.700 »
«Bailundo»	8.400 »
«Malange»	7.000 »
«Lobito»	6.000 »
«Lunda»	4.050 »
«Pebane»	4.050 »
«Quionga»	4.050 »
«Chaimite»	3.500 »
«Nampula»	3.500 »
«Buzi»	3.100 »
«Sena»	2.500 »

Navio-tanque «SAMMEIRO» (em construção) 14.500 ton.

ESCRITÓRIOS

LISBOA

Rua de S. Julião, 63

(Edifício próprio)

Telefones n.ºs 30131 a 30138

PORTO

Rua Infante D. Henrique, 9

Telefone n.º 22342

MIGUEL A. FRAGA, L.^{DA}

Rua da Palma, 26-28 LISBOA Telefone 2 8503

OURIVESARIA, RELOJOARIA E JOALHARIA

Grande sortido em monogramas
em ouro e prata para carteiras

Há sempre jóias em 2.^a mão  Tudo mais barato

OURO SÓ PELO PESO

Compra-se Ouro, Prata e Brilhantes

**DESCONTOS ESPECIAIS A TODOS OS
«AMIGOS DE LISBOA»**

Especialidade em anéis, medalhas, alfinetes, etc.,
com retratos esmaltados em todos os formatos

Edições da "PORTUGALIA"
sobre Lisboa



A CARAVELA E OS CORVOS

por SUSANNE CHANTAL. — Os
oito séculos da história da Capital,
num encantador livro de 500 páginas

30\$00

A NOSSA LISBOA

por MATOS SEQUEIRA e PAS-
TOR DE MACEDO. — Prémio «Jú-
lio de Castilho» da C. M. L.

40\$00

GUIA E PLANTA DE LISBOA

por NORBERTO DE ARAÚJO e
ANTONIO SOARES

Edição portuguesa **12\$00**

Edição francesa **15\$00**

Edição inglesa **15\$00**



A' venda em todas as livrarias

COMPANHIA ALCOBIA

Fornecedores dos melhores
e mais lindos mobiliários

CÓMODAS DE ESTILO — PORCE-
LANAS DE SAX — ESPELHOS
DE VENEZA — CANDEEIROS DE
CRISTAL, DE FERRO FORJADO
E DE MADEIRA — TAPEÇARIAS
— MARQUISSETIES E VOILES
SUIÇOS — CARPETES DE LÃ

COMPANHIA ALCOBIA

R. Ivens, 14 (esquina da R. Capelo)

Telef. 2 6441

TODOS OS PRODUTOS DA

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

SUPERIOR, FRANCÊS, VIRGINIA, HOLANDÊS, TIP-TOP, AVIZ,
PROVISÓRIOS, TAGUÇ, LISBOAS, SPORTING, ETC., ETC.

são fabricados, com ramas escolhidas, pelos processos mais modernos
para bem servir os fumadores

Oferia

27. JUL. 1988

M.

ANO XI

JANEIRO DE 1948

NÚMERO 41

OLISIPO

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA

EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 25711 —
COMP. E IMP. NA «EDITORIAL IMPÉRIO, LIMITADA» - R. DO SALITRE, 153-TELEF. 53173-LISBOA

SUMARIO



- A CASA ONDE NASCEU ANTÓNIO ENES, por *Luis Pastor de Macedo*
- O LIVRO DAS MARCAS DE OURIVES, DA CÂMARA DE LISBOA, por *Manuel Santos Estevens*
- UMA INSCRIÇÃO NA TORRE DE BELÉM, por *J. M. Cordeiro de Sousa*
- OS PAÇOS DE XABREGAS, por *Ferreira de Andrade*
- LISBOA, por *Gustavo de Matos Sequeira*
- ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA» DURANTE O ANO DE 1947.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA A TODOS OS SÓCIOS
OS ARTIGOS AQUI PUBLICADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES

A CASA ONDE NASCEU ANTÓNIO ENES

por LUIZ PASTOR DE MACEDO

Em trabalho onde tratei da história da rua da Madalena, publicado há meia dúzia de anos ⁽¹⁾, ao relacionar os moradores do lado dos ímpares, a certa altura disse:

«O edifício que se segue ao n.º 17 tem o n.º 23, e foi, antes de 1860, o n.º 11. Pois quer o leitor saber quem nasceu — segundo todas as probabilidades — neste prédio, em 15 de Agosto de 1848? António Enes. O grande jornalista, dramaturgo, escritor e político António Enes, cujo baptisado se efectuou na parochial da Madalena em 17 de Novembro do mesmo ano. Convém no entanto dizer o seguinte: não é no registo de baptismo do autor do célebre drama *Os Lazaristas* que vem imprecisamente, ou não, indicada a casa onde ele nasceu, nem também se declara qual fosse a morada de seus pais, no registo de baptismo de sua irmã Luisa, efectuado, igualmente na igreja da Madalena, em 13 de Junho de 1846 ⁽²⁾, nem tão pouco se menciona a morada de sua mãe, D. Luiza Maria da Conceição Lima, no assento do seu casamento com António José Enes, realizado em 22 de Setembro de 1844, tempo em que ela era já moradora na freguesia da Madalena ⁽³⁾. O que me leva a dar quase como certo o nascimento de António Enes nesta casa é o registo da entrada de seu pai, António José Enes, para irmão da irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja da Madalena, registo que tem a data de 18 de Abril de 1846 e onde se consignou que ele era morador na rua que vimos tratando, no n.º 11, que é, como se disse, o que tem actualmente o n.º 23.

(1) *Tempos que passam*, pág. 84.

(2) Tinha nascido a 11 de Abril.

(3) António José Enes era filho de José Enes, ao tempo já falecido, e de D. Feliciania Maria Rosa e tinha nascido na freguesia de S. Nicolau, de Lisboa; D. Luísa Maria da Conceição Lima, também natural da mesma freguesia, era filha de António Gonçalves Pereira Lima e de D. Maria da Conceição Lima. As testemunhas de casamento foram o pai da noiva e o comerciante Guilherme Doherty.

Será caso para dúvida, o mediar dois anos e picos entre a entrada de António José Enes para a irmandade do Santíssimo e o baptismo de António Enes? É evidente que o pai do escritor poderia ter mudado de residência logo no dia seguinte ao da sua entrada para a citada irmandade, no entanto, como nada há de facto, que alicerce esta hipótese, e se sabe que na ocasião do baptismo, os pais continuavam a morar na freguesia, parece-me que se deve aceitar, até prova em contrário, que António Enes nasceu no prédio que tem hoje o n.º 23 da rua da Madalena».

E a conclusão a que cheguei estão, como aliás todas as conclusões a que se chega quando se usa da comodidade de aceitá-las *até prova em contrário*, ficou balouçando na consciência. Na verdade o pai de António Enes poderia ter mudado de residência no dia seguinte ao da sua entrada para a irmandade do Santíssimo da Madalena, embora para outra casa da mesma freguesia, e até poderia ter ido morar para outra freguesia e voltar de novo para a da Madalena, a tempo de lá nascer seu filho António.

Mas os anos foram passando, e sobre o caso nada mais apurei até que o aparecimento do livro *O «ultimatum» visto por António Enes*, posto a correr ainda não há um ano, veio dar-me a certeza de que o escritor nascera de facto onde supuz, ou seja no antigo n.º 11 da rua da Madalena.

A confirmação obtive-a na notícia biográfica que do antigo comissário régio de Moçambique, nos apresenta, ao abrir o volume, o meu amigo e ilustre escritor sr. F. A. Oliveira Martins, que por sua vez foi colher o informe em apontamentos feitos pelo pai de António Enes e guardados àvaramente por sua família. Logo, se é o pai que nos diz que o nascimento se deu no n.º 11 da rua da Madalena — no 3.º andar, acrescenta — não há dúvida em concluir que o grande jornalista, veio a este mundo no edifício que actualmente tem o n.º 23.

Os referidos apontamentos tenho-os agora aqui, na minha frente, por favor do sr. Ernesto Enes, sobrinho do antigo director de «*O Dia*» e por intervenção do sr. Oliveira Martins.

Esses apontamentos pertencem à categoria das *lembranças de um pai de família* e registam, cronològicamente, factos memoráveis para o agrupamento familiar. Lá se encontram datas de casamentos, de baptismos e de óbitos dos ascendentes e descendentes e alguns pormenores das doenças destes últimos. Com esta medida, conheço vários apontamentos, alguns até de horizontes mais largos, como por exemplo os da Condessa de Almada, D. Maria Francisca de Abreu Peireira Cirne Peixoto, já por mim citados, e em parte transcritos, num

trabalho, saído há anos, de colaboração com o meu amigo dr. António Rodrigues Cavalheiro. E ainda conheço alguns chefes de família que têm o cuidado de, no seu cadernozinho de capa de oleado, arquivarem os factos familiares que para eles mais importância têm. E se muitas vezes — a maior parte delas — nenhum interesse logram ter se não para a própria família, outras vezes, porém, se calha referirem-se a alguém que depois tivesse deixado o seu nome ligado a obra de vulto, podem interessar o público. É o caso, pelo menos assim o suponho, destes deixados por António José Enes, o honrado empregado da antiga e há pouco desaparecida casa Anjos, na parte que se refere a seu filho António. São os dois primeiros anos da existência de quem conseguiu pela sua inteligência e pela sua força de vontade subir aos primeiros lugares do jornalismo político e da administração pública, e por isso aqui os reproduzo, sem qualquer alteração, se bem que, confesso, tivesse hesitado um pouco. Valeria a pena? Poderiam ter interesse esses dois primeiros anos da existência de um menino, precisamente iguais aos de tantas outras, de outros tantos meninos? Mas como se sabe sempre pouco, por muito que se saiba, da vida dos grandes homens, acabei por me decidir em deixar esses apontamentos aqui reproduzidos.

«Nasceu meu filho António no dia 15 de Agosto de 1848 à uma hora e quarenta minutos da madrugada do dito dia, terça-feira da Assunção de Nossa Senhora, sendo comadre assistente Maria do Carmo. Nossa morada era na mesma casa da rua da Madalena n.º 11, 3.º andar. Ao 11.º dia depois de nascido sendo-lhe dadas algumas colheiras de lambedor por mão da dita comadre, sobreveio-lhe uma grande irritação, vómitos repetidos, o que, junto a inchação do estômago, e mais sinais do grande padecimento que dava, se entendeu estar em perigo, e sendo chamado na seguinte terça-feira, 22 de Agosto, o Prior da Freguesia, o baptisou em casa, pegando-lhe no acto seu avô António Gonçalves Pereira Lima. Melhorando do dito incómodo, veio-lhe ao corpo todo, e principalmente à cabeça, uma grande borbulhagem que se espalhou à maneira de eczema, mas não progredindo muito permitiu que fosse à igreja a tomar os Santos Óleos, na 6.ª feira de Novembro (sic), aonde o dito seu avô cumpriu as vezes de Padrinho que já era pelo 1.º facto. Foi amamentado 27 dias por sua mãe, e depois começou a sê-lo por Ana de Jesus, casada com Leandro de Carvalho, residente no lugar dos Francos, ao pé das Caldas da Rainha, cuja ama havia chamado com antecedência.

«Aos cinco para seis meses foi vacinado na casa pública da vacina, de que resultou pegar-lhe um grande ponto mas único no braço esquerdo. Continuando sem novidade começou a engatinhar aos 10

meses, e nasceu-lhe o primeiro dente do lado esquerdo do queixo de baixo, aos 11 meses. De um ano para 13 meses começou a andar solto, com tal segurança e agilidade que parecia incrível; a 3 de Maio de 1850 retirou-se a ama, e o menino, desmamado por ela com dificuldade bastante, por isso que, à força de choros, de noite, queria renovar o costume, limpando quanto no peito se punha para despersuadi-lo. Ficou rijo e forte e assim tem continuado com satisfação de quantos o vêem, havendo só a notar quanto vai sendo tardio na fala, pois agora que conta 26 meses é que expressa alguns termos claros, porém, falando imenso, e traquinando tanto que não há quem o sofra, e menos o génio que desenvolve muitíssimo ardente em qualquer contrariedade, devendo notar-se a grande cobiça, ambição de ter muito e de tudo, principalmente, comer, sem que um só bocadinho queira dar, ou consinta que se dê a ninguém.

Depois da ida da ama ficou dormindo em cama separada com a criada Narcisa que muito mostra querer-lhe. Aos 2 anos de idade tinha de altura (espaço em branco) polegadas, e estava muito gordo e desenvolvido com todos os dentes da frente que lhe vieram de excelente qualidade e brancura».

Com respeito a seu filho António o depoimento é esse que aí fica transcrito. O espaço destinado a Luísa, a sua primogénita, é o maior, e o destinado ao seu terceiro e último filho — Henrique — o mais pequeno. Este já não nasceu na casa da rua da Madalena, mas numa da rua do Crucifixo, pela madrugada de 8 de Fevereiro de 1851.



Nos fins do século passado, nas ruas de Paris, gritava-se — *abaixo os museus*. Salvo erro, foi Magalhães Lima que num dos seus artigos de propaganda política se referiu ao facto. O que estava por trás do protesto, não é difícil adivinhar.

Actualmente, entre nós, alguns espíritos desempoeirados, verberam a colocação da lápida. Descerrar uma lápida, é, simplesmente, uma atitude acaciana. As gerações não têm o direito de manifestar a sua gratidão a quem quer que seja; não devem assinalar na pedra seja que facto for, por maiores que tivessem sido os benefícios que desse facto tenham resultado para a nação ou para o universo; não podem apontar aos outros um exemplo a seguir, etc. Tudo isso deve ter morrido com o imorredouro conselheiro.

Mas eu não estou de acordo. Sinto muito, mas não estou de

acordo. E assim, como neste ano que começou agora, passa o centenário do nascimento de António Enes, sugiro que se coloque, memorando o facto, uma lápida na casa onde ele nasceu.

Ao menos, além de se prestar homenagem à memória de quem, pela sua actividade pública, bem mereceu o reconhecimento de todos nós, quem ler essa lápida facará possivelmente sabendo alguma coisa que ignorava — e o saber não ocupa lugar.

O LIVRO DAS MARCAS DE OURIVES, DA CÂMARA DE LISBOA

(1791-1833)

Por MANUEL SANTOS ESTEVENS

Os estudos da arte portuguesa ressentem-se, ainda, da aversão que durante muitos anos os nossos artistas, críticos e até historiadores da arte, sentiram pelos trabalhos de euristicas, aversão em grande parte justificável pela dificuldade de pesquisa, pelo estado caótico dos arquivos e, sobretudo, pelo desconhecimento de cartórios da maior importância.

Foi o conhecimento directo da insuficiência documental para o estudo da nossa ourivesaria que nos levou a iniciar pesquisas sistemáticas; e entre os mais valiosos arquivos que reconhecemos — fora os das confrarias de ourives — avulta o da Câmara Municipal de Lisboa.

Bastava o Livro das Marcas de Ourives (1791-1833), que ora publicamos, para o notabilizar. Este códice, que se encontra integrado no cartório da Casa dos Vinte e Quatro, onde tem o n.º 82, está mencionado no estudo que D. Fernando Pais de Almeida e Silva publicou no Olisipo — Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa» (1) sobre o «Arquivo Geral da Câmara Municipal de Lisboa» e a sua existência foi-nos, mais tarde, confirmada pela snr.ª D. Julieta Ferrão. Cremos que já se encontrava relacionado num trabalho anterior ao daquele investigador, mas não podemos precisar a afirmação.

O certo é que até agora, se não tem passado despercebido, não tem sido utilizado e o seu conhecimento é de fundamental importância para a história da ourivesaria lisboeta.

O códice, que se encontra encadernado em pergaminho, mede 292×210 mm., tem termo de abertura, datado de 5 de Dezembro de 1791, autenticado por Anacleto José de Macedo Portugal, a que se seguem 99 folhas numeradas de 1 a 99 e rubricadas no recto, tendo no verso da última o termo de encerramento, de 6 de Dezembro de 1791.

Daquela termo consta que o livro havia de servir para na Secretaria da Câmara se registarem as marcas de todos os mestres que eram obrigados a apre-

(1) Ano VI, pág. 48.

sentá-las. Só está preenchido até fls. 61 recto, sendo o mais antigo termo de 21 de Janeiro de 1791 e o mais recente de 17 de Abril de 1833.

Vários foram os officiaes da Câmara que, successiva ou interpoladamente, lavraram estes termos no quase meio século a que o volume respeita.

Eis os seus nomes: Wenceslau Bernardino Van Houtum de Faria, Jerónimo Martins da Costa, Januário António de Sousa, Roque Ferreira Lobo, José Jerónimo Rosado de Amorim Moniz, Hipólito Cassiano Martins, Francisco de Paula, Manuel Cipriano da Costa, Joaquim António Lúcio dos Santos, Inácio Luís da Silva, Nuno Lopes da Silva, António Correia Monteiro, Francisco Pedro Rangel Lima, Dionísio José Ferreira dos Santos, José Maria Lopes de Faria, Ceslau do Espírito Santo Costa Freire, José Maria de Amorim e José Maria Lopes de Faria.

Regra geral, a que só fazem excepção as últimas folhas, cada uma tem um único termo, embora alguns deles registem as marcas usadas por vários artífices.

O termo mais antigo, a fl. 1, o do ourives do ouro José Joaquim do Nascimento, lavrado em 21 de Janeiro de 1791, é do seguinte teor: «Aos vinte e hum dias do mez de Janeiro de mil setecentos noventa e hum annos, nesta cidade de Lisboa e Secretaria do Senado da Camara appareceu Joze Joaquim do Nascimento mestre do officio de ourives do ouro, morador na rua Aurea aonde tãobem tem a sua logea, e por elle foi apresentada a sua marca com que deve marcar todas as obras que fizer do dito seu officio, e requeria lhe fizesse o seu registo na forma do estilo; e com effeito se lhe fez constando a dita marca das letras dois II a qual vai transcripta à margem deste termo, e por elle se obriga a uzar della em todas as referidas obras que fizer do sobredito seu officio, não a emprestando a nenhum mestre para uzar della por lhe ser prohibido por ordens do Senado e determinação do seu regimento, e de como assim o prometeo tornou a receber a dita marca e assignou este termo que eu Wencesláo Bernardino Van Houtum de Faria escrevi. Joze Joaquim do Nascimento.»

Com o andar dos tempos e a mudança dos lavrantes sofreram alterações de pormenor, desaparecendo frequentemente do texto a indicação da marca, reproduzida à margem, a princípio por impressão do punção, depois à pena e apparecendo menção da apresentação da carta de exame. De observar é que nas marcas se usa sempre um alfabeto de tipo capital e que essas iniciais correspondem, normalmente, às dos nomes dos artífices.

Se é indiscutível o excepcional valor desta códice é de lamentar o pouco cuidado e exactidão que houve na elaboração dos seus registos.

Assim, frequentemente, as letras indicadas no termo não condizem com os punções, como acontece, entre outros, com o do ourives António de Sousa e Nascimento cuja marca, como se verifica do próprio punção, é A.N e que é indicada no texto do termo, erradamente, por A.A.S.

Mais frequente é a confusão entre o *i* e o *j* maiúsculos, umas vezes ao *J* do

alfabeto maiúsculo manuscrito corresponde na marca um *I*, como a fl. 2, no termo de Joaquim José Rodrigues, indicado como -J-J-R-, e na marca IIR; outras vezes à mesma letra corresponde *J* como no termo da fl. 1v., de António José Roque que aparece indicado A-J-R- e na marca A.J.R.; note-se que ambos estes termos são obra do mesmo autuante. Noutro termo, o de João Amaro dos Santos, a fls. 11v., as iniciais indicadas são IAS, a que corresponde a marca J.A.S.

Verifica-se pelo exposto a confusão que havia no emprego do *I* e do *J* e como, a partir de 25 de Junho de 1807 (*), os termos são sempre desacompanhados de marcas, é grande a dificuldade em determinar qual a sua forma exacta. Por isso e para sistematizar, preferimos sempre as indicações marginais, e nas manuscritas interpretamos o *I* e *J* maiúsculos como *i* e *j*, respectivamente.

Outro erro vulgar é o da colocação da pontuação (de importância se se tiver em conta que ela servia, frequentemente, para distinguir artífices que usavam as mesmas iniciais), como podemos verificar da comparação entre os punções impressos e as indicações manuscritas.

Assim, estas marcas, quando desacompanhadas dos próprios punções, devem ser objecto de cuidadosa verificação no intuito de evitar erros de atribuição.

Confiamos que este subsídio, não obstante as imperfeições apontadas, permita a identificação de apreciável parte da produção dos nossos ourives dos fins do século XVIII e inícios do XIX; e que, com outros elementos já por nós recolhidos, possa vir a servir de base a um dicionário das marcas de ourives portugueses, em que vimos trabalhando, obra que se impõe para o progresso dos estudos da história da ourivesaria em Portugal.

Além das marcas de 128 ourives, inclui este registo a do contraste José Joaquim da Costa, mestre do officio de ourives da prata — e consequentemente ourives — registada em 27 de Fevereiro de 1804, e o termo de um indivíduo de nome José Vicente Cavaco que não se chegou a completar, provavelmente por não ser ourives e ter sido aqui lançado por engano.



Os termos foram extratados, aproveitando-se todos os elementos de interesse.

Dispuseram-se depois estes extractos alfabeticamente, pelo último apelido dos ourives apresentantes, tomando-se como último apelido o do nome completo, tal como o empregaram na assinatura do termo.

O trabalho completa-se com dois índices, o cronológico e o das marcas. Para

(*) É de 22 de Dezembro de 1797 e de Manuel José Pereira o primeiro termo em que falta a impressão do punção.

(**) Algumas anomalias resultam desta sistematização, como succede com a marca de Tomé Filipe de Castro, que se lerá CTF; mas já a de Clemente José Ferreira, CIF, terá a sua leitura exacta. As vantagens do sistema são, porém, tão manifestas que não hesitamos em o adoptar.

a elaboração deste não se fez a distinção na alfabetação entre I e V, vogais e consoantes, e reduziram-se a uma única linha todas as marcas que tinham duas, fazendo-se a leitura horizontalmente; à marca segue-se o nome do ourives, a indicação se é artífice do ouro ou da prata e o número que lhe corresponde neste trabalho.

Para aquele limitamo-nos a indicar a data do registo da carta, a menção do officio e o número.

Foi impossível inserir no texto a reprodução das marcas originaes e mesmo, devido à inexistência de tipo adequado, dar tipograficamente a posição exacta dos pontos. O asterisco, que acompanha a interpretação tipográfica das marcas, indica que existem punções e que se encontram reproduzidos em folhas à parte.

NOTÍCIA DOS OURIVES

1 M. B. *ABRANCHES (Miguel de)* O

Mestre do officio de ourives do ouro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1807-Agosto-3 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais M. B. (sic). (fl. 36)

2 I. I. A* *ABREU (Joaquim José de)* P

Mestre do officio de ourives da prata, morador e com loja no seu arruamento. Apresentou em 1796-Julho-30 a registo na Secretaria do Tribunal do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I.I.A (fl. 9)

3 F. A. A *ALMEIDA (Francisco António de)* P

Mestre do officio de ourives da prata, pela carta de exame que apresentou, morador e com loja no seu arruamento. Apresentou em 1809-Dezembro-20 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais F. A. A (fl. 40 v.)

4 S. A. *ALVES (Simão)* P

Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1826-Abril-11 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais S.A. (fl. 57)

5 C. I. *ANTÓNIO (Custódio José)* O

Mestre do officio de ourives do ouro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1807-Agosto-3 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais C.I. (fl. 36v.)

6 I. I.A.* *AZEVEDO (Joaquim José de)* P

Mestre do officio de ourives da prata, morador no seu arruamento. Apresentou em 1796-Dezembro-15 a registo na Secretaria do Tribunal do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I.I.A (fl. 10)

7 T A B * *BARRETO (Tomás de Aquino)* P

Mestre do officio de ourives da prata, morador e com loja no seu arruamento, freguesia de Santa Justa. Apresentou em 1794-Janeiro-26 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais TAB (fl. 6)

8 I.B.* *BARROS (João Estanislau Xavier de)* P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua Bela da Rainha. Apresentou em 1799-Agosto-21 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais IB. (fl. 14v.)

9 I. G. B* *BARROSO (João Gomes)* P

Mestre do officio de ourives da prata, morador no seu arruamento. Apresentou em 1797-Julho-10 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I.G.B (fl. 11)

10 E. R. B. *BELAS (Elias Rodrigues)* P

Mestre do officio de ourives da prata, por carta de exame que apresentou, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1830-Julho-15 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais E.R.B. (fl. 61)

- 11 MIB* *BERNARDES (Miguel José)* P

Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1795-Fevereiro-13 a registo na Secretaria do Tribunal do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais MIB (fl. 7)

- 12 T. I. C. *BERNARDES (Torcato José Clavina)* P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua dos Fanqueiros n.º 89, tendo a loja no seu arruamento, n.º 30. Apresentou em 1813-Maio-15 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais T.I.C. (fl. 43 v.); declarado sem efeito por nota marginal e repetido o registo com a data de 1818-Abril-9, e com a indicação da loja ter o número 37 e de ser morador na rua dos Douradores (fl. 49)

- 13 A. L. B* *BION (Alberto Luís)* P

Mestre do officio de ourives da prata, morador e com loja no seu arruamento. Apresentou em 1793-Janeiro-17 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais A.L.B (fl. 4)

- 14 F. J. C. *CALISTO (Francisco José)* P

Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1822-Setembro-9 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais F. J. C. (fl. 52 v.)

- 15 F. S. A.* *CARVALHO (Francisco Soares Antunes de)* O

Mestre do officio de ourives do ouro, morador na rua de S. Bento, com loja na rua Aurea. Apresentou em 1807-Junho-6 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa as suas marcas, que constavam das letras iniciais F. S. A., «sendo huma dellas maior que a outra». (fl. 27 v.)

- 16 F X C* *CARVALHO (Francisco Xavier de)* P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na Praça da Alegria e com loja no seu arruamento. Apresentou em 1794-Maio-21 a registo

na Secretaria do Tribunal do Senado da Câmara de Lisboa a sua
marca, que constava das letras iniciais FXC (fl. 6 v.)

17 LIC * CARVALHO (*Lourenço Joaquim de*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua dos Fanqueiros e com loja no seu arruamento. Apresentou em 1796-Agosto-1 a registo na Secretaria do Tribunal do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais L I C (fl. 9 v.)

18 F. I CASTRO (*Francisco José Osório de*) O

Mestre do officio de ourives do ouro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1807-Julho-9 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais F.I Assina Ozores de Castro e no termo só estão indicados os nomes próprios. (fl. 34)

C
19 T F * CASTRO (*Tomé Filipe de Castro*) P

Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1802-Julho-8 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais C T F (fl. 18 v.)

20 A F C * COSTA (*António Firmo da*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua Direita da Mouraria, freguesia de Nossa Senhora do Socorro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1793-Janeiro-31 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais A F C (fl. 4 v.)

21 A. I. C. COSTA (*António José da*) P

Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento e morador à Sé, freguesia de Santa Maria. Apresentou em 1807-Agosto-21 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais A.I.C. (fl. 37)

22 C. I. R. C. COSTA (*Cesário José Rodrigues*) P

Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1823-Julho-28 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais C.I.R.C. (fl. 53v)

23 I. I. C. COSTA (*José Joaquim da*) P

Mestre do officio de ourives da prata, por carta de exame que apresentou, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1828-Março-5 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I.I.C. (fl. 60)

24 L * COSTA (*José Joaquim da*) P

Mestre do officio de ourives da prata, que servia de ensaiador da cidade. Tendo-se amassado a marca de que utilizava, apresentou em 1804-Fevereiro-27 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa, nova marca. Do termo consta que «por elle foi ditto e declarado, que se lhe havia amessado a marca antiga com que ensayva todas as obras de pratta que se fasião nesta cidade, e assim requeria lhe tomasse o presente termo em o qual se declarasse o refferido, asim como tambem a necessidade de nova marca por ter toda a desconfiança de que a marca antiga lhe terião viçiado, e com felicidade, pello que fez outra marca nova sendo esta ouvada, e antiga era recortada na circumferença, e tudo na conformidade do capitulo do Regimento; sendo figurada a refferida marca nova com a letra L. circulado com huma coroa» (fl. 22 v.)

25 I O C * COUTINHO (*José de Oliveira*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua Augusta. Apresentou em 1799-Maio-8 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I O C (fl. 14)

26 A G. C. CUNHA (*António Gonçalves da*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador a S. Lourenço e com loja no seu arruamento. Apresentou em 1815-Julho-8 a registo na

Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais A G. C. (fl. 46)

27 G. I. C. CUNHA (*Gualdino José da*) P

Mestre do officio de ourives da prata, pela carta de exame que apresentou, morador na rua da Prata, n.º 206 e com loja no mesmo arruamento n.º 26. Apresentou em 1817-Janeiro-10 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais G. I. C. (fl. 48 v.)

28 I. C * CUNHA (*João Isidoro da*) O

Mestre do officio de ourives do ouro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1807-Junho-25 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I. C embora no termo se indiquem I. I. C. (fl. 31 v.)

29 J. P. V. D. DINIS (*Joaquim Prudêncio Vital*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador no seu arruamento e com loja estabelecida no n.º 208 do mesmo arruamento. Apresentou em 1812-Agosto-8 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais J. P. V. D. (fl. 42 v.)

30 M I N DINIS (*Miguel José*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua do seu arruamento. Apresentou em 1807-Junho-15 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais M I N (sic).

31 A P. E. ESTEVES (*António Pires*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua dos Algíbebes, freguesia da Madalena e com loja nesse arruamento. Apresentou em 1809-Dezembro-20 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais A P. E. Aparece designado no termo por António Pires Esteves da Fonseca, mas não assina com esse apelido. (fl. 41)

32 I. P. E. ESTEVES (*João Pires*) P

Mestre do officio de ourives da prata, pela carta de exame do seu officio, que apresentou, com loja no respectivo arruamento e aí morador, freguesia de S. Nicolau. Apresentou em 1808-Dezembro-10 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I. P. E. (fl. 38)

33 M P. E. ESTEVES (*Manuel Pires*) P

Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1801-Dezembro-23 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais M P. E. (fl. 18)

34 F X F FARIA (*Francisco Xavier de*) P

Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento, n.º 191, morador na rua de S. Vicente, freguesia do mesmo santo. Apresentou em 1817-Dezembro-11 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais F X F (fl. 48)

35 I M F* FARIA (*João Marques de*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador no seu arruamento, freguesia de S. Julião. Apresentou em 1795-Abril-17 a registo na Secretaria do Tribunal do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I M F (fl. 8)

36 A F * FERNANDES (*António*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua dos Condes, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1799-Janeiro-10 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais A F (fl. 13)

C
37 I F* FERREIRA (*Clemente José*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador a Santa Apolónia, freguesia de Santa Engrácia. Apresentou em 1807-Fevereiro-28 a registo

na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais C I F (fl. 26 v.)

38 F I F* FERREIRA (*Filipe José*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua dos Cavaleiros. Apresentou em 1800-Junho-25 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais F I F (fl. 15)

39 L. X. F. FERREIRA (*Lucas Xavier*) P

Mestre do officio de ourives da prata, pela carta de exame que apresentou, com loja no seu arruamento, morador na rua dos Fanqueiros. Apresentou em 1825-Abril-28 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais L. X. F. (fl. 56)

40 F. I. S. F FIRMO (*Francisco José dos Santos*) P

Mestre do officio de ourives da prata, por carta de exame que apresentou, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1829-Julho-13 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais F. I. S. F (fl. 60 v.)

41 I X F* FONSECA (*João Xavier da*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador no seu arruamento, freguesia de S. Nicolau. Apresentou em 1794-Janeiro-17 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I X F (fl. 5 v.)

42 I. C. F. FRAGOZO (*Januário Constâncio*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua das Atafonas, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1820-Dezembro-5 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I. C. F. (fl. 51)

43 T. F. FRANCISCO (*Teodoro*) O

Mestre do officio de ourives do ouro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1807-Julho-9 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais T. F. (fl. 35)

44 I. F. F. FRANCO (*Inácio Feliz*) P

Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1803-Maio-1 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I. F. F. (fl. 19 v.)

45 I I F FREIRE (*Isidoro José*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador no seu arruamento, freguesia de S. Nicolau, com loja no referido arruamento. Apresentou em 1819-Dezembro-16 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I I F (fl. 50)

46 I. L. F. FREIRE (*João Luís*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador no seu arruamento. Apresentou em 1804-Abril-20 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I. L. F. (fl. 23)

47 I. A. P. F. FREIRE (*José António Pereira*) P

Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1814-Julho-21 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I. A. P. F. (fl. 45)

48 A J F FREITAS (*António Joaquim de*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua Larga de S. Roque, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1805-Junho-27 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais A J F (fl. 26)

- 49 E. G. F. *FREITAS (Elias Germano de)* P
 Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1822-Setembro-9 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais E. G. F. (fl. 52 v.)
- 50 F. F. F. *FREITAS (Francisco Firmino de)* P
 Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1822-Setembro-9 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais F. F. F. O termo não se encontra assinado pelo apresentante. (fl. 52 v.)
- 51 I F G *GARCÊS (Joaquim Ferreira)* P
 Mestre do officio de ourives da prata, pela carta de exame do seu officio, que apresentou, morador na rua Augusta, freguesia da Conceição, com loja no respectivo arruamento. Apresentou em 1808-Dezembro-19 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I F G (fl. 39)
- 52 I A G *GOMES (José António)* P
 Mestre do officio de ourives da prata, com loja e residência no seu arruamento. Apresentou em 1801-Agosto-6 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I A G (fl. 17)
- 53 M N G* *GONÇALVES (Manuel do Nascimento)* P
 Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1803-Outubro-5 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais M N G (fl. 20)
- 54 I H* *HENRIQUES (José Gomes)* O
 Mestre do officio de ourives do ouro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1807-Junho-25 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I H, embora no termo se indiquem I G. H. (fl. 32)

55 J M J JESUS (*Joaquim Manuel de*) P

Mestre do officio de ourives da prata, pela carta de exame que apresentou, morador ao Salitre, na travessa da Horta da Cera e com loja no seu arruamento, n° 104. Apresentou em 1819-Novembro-8 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais J M J (fl. 49 v.)

56 I B. JESUS (*José Bernardes de*) O

Mestre do officio de ourives do ouro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1807-Agosto-3 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I B. (fl. 36 v.)

57 L. A I. JUSTINIANO (*Lourenço António*) P

Mestre do officio de ourives da prata, pela carta de exame do seu officio, que apresentou, com loja no seu arruamento e morador no largo do Salvador. Apresentou em 1808-Dezembro-14 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais L. A I. (fl. 38 v.)

58 A I L * LOPES (*Alexandre José*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua Bela da Rainha. Apresentou em 1801-Maio-16 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais A I L (fl. 16 v.)

59 G. P. LOUREIRO (*Guilherme de Pina*) O

Mestre do officio de ourives do ouro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1807-Julho-9 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais G. P. (fl. 34 v.)

60 M. I. M * MACEDO (*Manuel Inácio*) P

Mestre do officio de ourives da prata, morador e com loja no seu arruamento. Apresentou em 1792-Julho-23 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais M. I. M (fl. 2)

- 61 I I M *MARQUES (Jerónimo José)* P
 Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1803-Janeiro-28 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I I M (fl. 19)
- 62 F. I. M. *MELO (Francisco Joaquim de)* P
 Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua dos Douradores, freguesia de S. Nicolau, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1811-Dezembro-5 a registo na Secretaria do Tribunal do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais F. I. M. (fl. 42)
- 63 F. I. M. *MIGUEL (Florêncio José)* P
 Mestre do officio de ourives da prata, pela carta de exame que apresentou, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1823-Outubro-11 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais F. I. M. (fl. 54)
- 64 C I M * *MORAIS (Cândido José de)* O
 Mestre do officio de ourives do ouro, morador na rua dos Fanqueiros, freguesia da Madalena, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1792-Dezembro-15 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais C I M (fl. 3 v.)
- 65 A. M* *MOREIRA (António José)* O
 Mestre do officio de ourives do ouro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1807-Junho-25 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais A. M, muito embora no termo se indiquem A. I M. (fl. 29)
- 66 A. I. M *MOTA (António José da)* P
 Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1804-Janeiro-24 a registo na Secretaria do Tribunal

do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais A. I. M (fl. 20 v.)

67 A. N* *NASCIMENTO (António Anastácio de Sousa e)* O

Mestre do officio de ourives do ouro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1807-Junho-25 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais A. N, embora no termo se indiquem A. A. S. (fl. 31)

68 C. N * *NASCIMENTO (Caetano José do)* O

Mestre do officio de ourives do ouro, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1807-Junho-25 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais C. N, embora no termo se indiquem C. I. N. (fl. 30)

69 I I * *NASCIMENTO (José Joaquim do)* O

Mestre do officio de ourives do ouro, morador e com loja no seu arruamento. Apresentou em 1791-Janeiro-21 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I I (fl. 1)

70 M. J. N. *NASCIMENTO (Manuel José do)* P

Mestre do officio de ourives da prata, morador na rua da Prata, com loja no seu arruamento, n.º 87. Apresentou em 1821-Dezembro-10 a registo na Secretaria do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais M. J. N. (fl. 52)

71 I I N* *NUNES (Joaquim José)* P

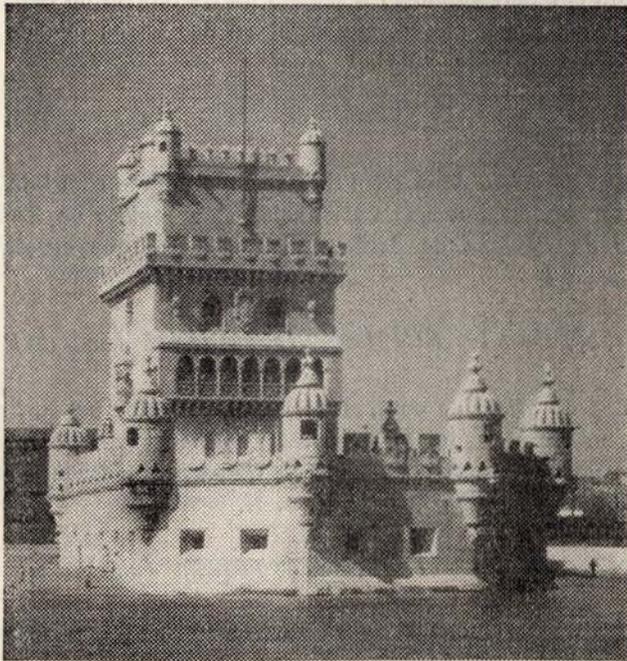
Mestre do officio de ourives da prata, com loja no seu arruamento. Apresentou em 1795-Março-4 a registo na Secretaria do Tribunal do Senado da Câmara de Lisboa a sua marca, que constava das letras iniciais I I N (fl. 7 v.)

(Continua)

UMA INSCRIÇÃO NA TORRE DE BELÉM

por J. M. CORDEIRO DE SOUSA

Raros são os que, enlevados na contemplação da formosa Tôrre de S. Vicente, ou de Belém, iluminada pelos reflexos doirados à hora do sol poente, «tour de beauté», como lhe chamou Madame Adam, «o



Fotografia do Ex.^{mo} Sr. João Antunes dos Santos

mais peregrino entre os mais belos monumentos da nossa architectura», no dizer de Ramalho Ortigão; terão atentado num extenso leiteiro com que, no século XVII, macularam a pureza dos silhares da esbelta construção de Franciso da Arruda.

Foi tal inscrição notada há poucos anos pelo falecido académico Quirino da Fonseca, e publicada pelo também já falecido investigador Garcez Teixeira (*), ambos meus saudosos amigos. Não está pois inédita, mas por ser curiosa, e acaso desconhecida da maioria dos «Amigos de Lisboa», aqui a reproduzo, tal como da praia se distingue entre as 5.^a e 6.^a ameias do lado do Levante:

POR MANDADO DE SUA Magestade
SEJA NOTORIO AS EMBARCAÇÕES PORTUGUE
SAS QUE PASSAREM POR ESTA FORTALEZA QUE NEM
A ENTRA NESTE PORTO NEM A SAIDA DELE
LHE DEVEM SALVA PROPINA OU DIREITO
ALGUM NEM NELA NEM A NENHUMA DAS PESSO
AS QUE NELA SERVEM E AS EMBARCAÇÕES ESTRA
NGEIRAS SEJA NOTORIO QUE POR ENTRADA NÃO
DEVEM TAMBEM COISA ALGUMA E A SAIDA HÃO DE
PAGAR SO UM CRUZADO POR CADA EMBARCAÇÃO E
NENHUMA OUTRA COISA MAIS. LISBOA 19 DE JANEIRO DE 1655

Quão diferente destino fôra dado pelo Rei Venturoso à altiva
«tôrre de S. Vicente a par de Belém»!

(*) *A Tôrre de Belém*, ed. do Serv. dos Mont. Milit.

OS PAÇOS DE XABREGAS

por FERREIRA DE ANDRADE

Xabregas é um dos bairros de Lisboa cujo estudo histórico-descritivo está ainda por fazer. Castilho, que na sua magistral obra «A Ribeira de Lisboa» — há pouco publicada, em 2.^a edição, com sábias e proveitosas anotações do erudito olisipógrafo Pastor de Macedo — nos evoca a Lisboa ribeirinha, fala-nos, somente, dos principais edifícios que, à margem do Tejo, se ergueram (ou existem ainda) da Madre de Deus a Santos-o-Velho.

Para além do vale de Chelas quem se ocupou até hoje dos conventos e igrejas, palácios e solares, quintas ou simples hortejos, que constituíram aglomerado importante, embora afastado, da urbe de há uns séculos? Dispersos são os estudos, embora alguns representem elementos de consulta para trabalho futuro de uma monografia sobre tão progressivo e característico bairro da cidade. Mas, se este ou aquele edifício mereceu já de alguns estudiosos, numa observação mais atenta, breves linhas evocativas da sua história — os Paços Reais de Xabregas e o vizinho Convento dos terceiros franciscanos não lograram ainda da pena de olisipógrafo consagrado ou de insipiente escritor umas páginas que, às gerações de hoje, recordem o seu passado, a génese da sua existência já olvidada de muitos, o fausto e o declinar da sua grandeza, a sua importância como moradias de reis e de frades.



Protelemos para mais tarde o estudo — embora que sucinto — do convento que, à aba do da Madre de Deus, existiu até ao dealbar do século XIX e digamos ao leitor tudo quanto, em aturadas pesquisas, conseguimos apurar sobre os Paços de Xabregas.



Do que hoje existe no local onde os Paços se ergueram nada nos recorda a antiga opulência do edifício construído por D. João III. Tudo desapareceu. As construções e benfeitorias ali levadas a efeito após a doação da propriedade à casa de Unhão desfiguraram por completo a fábrica primitiva. Aos Paços Reais sucedeu o palácio dos Teles de Menezes e a este um albergue da infância desvalida e um estabelecimento de ensino industrial. Os salões transformaram-se em camaratas, em aulas e oficinas; e em todo o terreno onde, séculos atrás, descansaram à sombra de árvores vetustas os últimos monarcas da dinastia de Aviz, construíram-se, pelos tempos fora, modestas edificações, abriram-se ruas, ampliou-se a propriedade.



A poucos quilómetros da cidade, nesse *fresco vale de Xabregas* — no dizer de um cronista setecentista — sonhara D. João III erguer, como residência de verão, os seus Paços, onde, uma vez por outra, pudesse ir descansar das fadigas que os negócios do Reino, em tempos tão agitados, de certo lhe causariam.

Era o local da *milhor vista q ha ã Lysboa* — como o afirma Francisco da Holanda — e, assim, aprasível para a construção desejada, longe do bulício da cidade, apropriado para nele se erguer um palácio, que em sumptuosidade e ambiente, rivalizasse (quem sabe!) com o de Fontenebleau.

D. Manuel, no apogeu do seu reinado glorioso, havia resolvido, também, mandar construir os seus Paços junto ao terraplano da Ribeira.

Lisboa vivia, então, a vida febril, agitada, do seu rio. E D. João III, como seu Pai, desejava que os Paços a construir fossem, igualmente, erguidos à babugem do Tejo cujas águas continuavam a baloiçar as caravelas que elevaram Lisboa à sua categoria imperial, que a coroaram *rainha do mar oceano*.

Dos Paços rouqueiros do Castelo descera o *Venturoso*, atraído pela azáfama dos estaleiros, até junto do rio. Abandonara a Alcáçova, onde, havia pouco, por uma manhã de Setembro, Vasco da Gama fora solenemente recebido, após terem aportado às águas do Tejo as *naus cheias de glória* da epopeia maior.

De facto, que melhor lugar poderia haver na cidade do que aquele, à ilharga do largo terreiro batido pelas águas do rio, para a construção dos Paços Reais? Construindo ali a sua moradia, D. Manuel aproximava mais ainda a cidade do Tejo. A urbe agradecida revia-se, no auge de sua grandeza, mais formosa do que nunca, nas águas quietas do rio. O sonho imperial do Infante era, já então, uma sólida realidade. Lisboa vestia-se de oiro e de brocados; no seu diadema brilhavam as mais raras pedras preciosas, as jóias mais caras; novos títulos enobreciam o seu braço de armas.



Não residiu D. João III muito tempo, após o falecimento de seu pai (dia de Santa Luzia de 1521), nos Paços da Ribeira. A razão que levava o Monarca a abandonar o palácio não a conhecemos nós. Frei Luís de Sousa ⁽¹⁾ informa-nos somente ter o mesmo Rei deixado de ali residir *ou por se aliviar do nojo a si e à Rainha com a diferença do sitio ou porque já se deviam começar a sortir na cidade as mortes apressadas e principios da peste, que pouco depois se declararam demasiadamente*.

Foi abrigar-se D. João III — é ainda Frei Luís de Sousa quem nos elucida — *à parte de Enxobregas, para as casas de D. Francisco de Eça* e depois passou a residir, embora por pouco tempo, em Santos-o-Velho. D. Leonor abandonara também os Paços da Ribeira, alguns dias depois da morte de D. Manuel. *Passou logo a Enxobregas para as casas de Tristão da Cunha* ⁽²⁾ com a pequenina infanta D. Isabel.

(1) *Anais de D. João III*, Livro I, cap. VI, pág. 39 do 1.º vol. (Col. Clássicos).

(2) *Cronica de D. João III*, parte I, pág. 62 (edição de 1796).

A ida, pois, de D. João III e de sua madrasta para residências particulares, ambas situadas em Xabregas, ao abandonarem os Paços da Ribeira, confirma em absoluto o facto dos Paços de Xabregas não terem sido edificados por D. João II — isto é, demonstra-nos cabalmente que eles ainda não existiam nos primeiros dias do reinado do filho de D. Manuel. Mas é cedo, porém, para entrarmos na análise do problema.



Afirmam alguns cronistas de setecentos que D. Leonor, excelsa fundadora das Misericórdias, habitou, em Xabregas, nos Paços mandados construir por seu marido; outros, levados não sabemos porque conclusões, chegam a escrever pe-remp-toriamente esta enormidade: D. Leonor faleceu nos Paços de Xabregas. Pura fantasia, que não teria inconveniente algum, se não fosse o facto de, pelos tempos fora, ter causado um caudal de afirmações, todas sem fundamento, e que levaram mesmo historiadores de nomeada (como Vilhena Barbosa) a desmentirem aqueles que em seus escritos, nos dão os Paços como fundação de D. João III.

E não estavam na verdade dos factos, podemos hoje prová-lo sem receio de controvérsia.

Um documento ⁽³⁾ por nós encontrado — nada mais, nada menos, do que o traslado da escritura de compra dos terrenos para a construção do Palácio — deu-nos a chave do enigma. Ficámos sabendo que foi D. João III quem adquiriu no *vale de enxobregas hũ asento de cassas, ortas, arvores, e oulival, entre ho mosteiro da Madre de deos e o Mosteiro de Sam francisco de enxobregas para nelle mandar fazer hum passos.*

Não nos restaram após a leitura deste documeto, quaisquer dúvidas sobre a pretensa moradia da rainha D. Leonor. Não podemos, é facto, à face de documentação, provar que a viuva de D. João II não habitou em Xabregas; mas o que podemos registar é que nunca residiu nos tais Paços e, muito menos, ter sido ela a fundadora do Palácio, como de há muito anda escrito em trabalhos de autores consagrados.

Uma hipótese, no entanto, ainda formulamos: ter D. Leonor habitado as casas que existiam no terreno mais tarde adquirido por D. João III — segundo o já citado documento: *cassas novas e velhas*. Hipótese que aventamos, muito embora não seja conhecido — e Braamcamp Freire vasculhou bem tudo quanto à fundadora das Misericórdias dissesse respeito — qualquer documento que nos afirme ter D. Leonor residido em Xabregas.

Como se terá, então, originado a lenda? É impossível averiguá-lo.

⁽³⁾ *Tombo das obrigações das capelas do convento de S. Francisco de Xabregas, fl. 85 v. e segs.* Este livro e outros referentes ao extinto convento estão em um depósito da administração do 1.º Bairro de Lisboa, no Palácio de S. Vicente.



A corroborar ainda o documento que no presente trabalho apresentamos à curiosidade do leitor, da compra por D. João III dos terrenos onde mandou construir os seus Paços, temos presente os testemunhos de Francisco da Holanda e do padre jesuita Duarte Sande.

Dirigindo-se a el-Rei D. Sebastião escreve o autor da *Fábrica que falece à cidade de Lisboa*:

Lembra-me que el-Rei vosso avô, de bem aventurada memoria, depois de muito tempo andar em Evora e Almeirim e noutras partes, finalmente determinou de se aposentar em Lisboa e para isto fazer escolheu o sitio de Enzobregas entre aqueles dois devotos mosteiros, pelo mais escolhido e mais livre lugar e da melhor vista que ha em Lisboa em que começou uns Paços, os melhores de Portugal, ainda que com algumas imperfeições ou descuidos no desenho, que por sua morte não ficaram acabados.

Por sua vez o padre Sande, na curiosíssima descrição que nos legou da Lisboa de 1584, ao tratar dos palácios reais, escreveu (4): *...Só acrescentarei que o extremo desta parte da cidade é aformoseado por outro magnífico palácio real que D. João III mandou edificar com grande dispêndio, com o fim de servir aos réis de Portugal para desvio da corte e desterro do tráfego dela, quando mais oprimidos da fadigosa labutação dos negócios públicos, e mais carecidos de socego.*

Vilhena Barbosa, escritor incansável e probo, a quem — é justo destacar — os estudos olisiponianos tanto ficaram devendo, enfermou, no entanto, pela tradição corrente; não se furtou a anotar esta passagem da narrativa dos jesuita com as linhas que seguem (5):

Fala aqui o padre Sande do palácio de Xabregas, e parece incrível que escrevesse tão mal informado, que attribuisse a fundação dele a D. João III, sendo a a fundadora a rainha D. Leonor, tia deste soberano, do que existem escrituras autênticas, além do testemunho de muitos escritores contemporâneos da dita rainha.

Em um outro artigo (6), volta o autor dos *Estudos Históricos e Arqueológicos*, referindo-se ainda à descrição do padre Sande, a insistir no mesmo erro. Escreveu Vilhena Barbosa:

O paço de Xabregas, fundado pela rainha D. Leonor, viúva de D. João II e irmã de el-Rei D. Manuel, apesar de vir para a coroa por morte da fundadora e nele assistirem por vezes D. João III, sua mulher a rainha D. Catarina, sendo regente do Reino, na menoridade de seu neto el-rei D. Sebastião, e este monarca depois de empunhar as rédeas do governo, apesar de tudo não devia ser contado entre os palácios reais de Lisboa, em 1584, por se achar naquela era a muita distancia

(4) *Arquivo Pitoresco*, vol. VI, pág. 86

(5) *Idem*, pág. 86.

(6) *Idem*, pág. 112.

da cidade, a qual acabava no sítio em que está a fundição, onde tinha a porta da Pólvora. Além disso — afirma ainda o mesmo escritor — enganou-se o padre Sande dando por fundador deste palácio a D. João III, que apenas o herdou de sua tia.

Onde se estribou Vilhena Barbosa para tão ousada e perentória afirmação? Que documentos teria consultado? Em que fonte viu o historiador prova suficiente para se abalançar a desmentir o padre Sande? Nos escritores de setecentos? É possível. Note-se, no entanto, que o próprio *Dicionário Geográfico* (7), furtando-se à responsabilidade de uma afirmação, nos diz somente: *é tradição* (referindo-se ao Palácio de Xabregas) *que serviu de Paço a D. Leonor*.

Depois do que deixámos exposto, não resta dúvida alguma de que não foi D. Leonor a fundadora dos Paços de Xabregas, mas sim seu sobrinho o rei D. João III.

Compulsadas as crónicas e os documentos da sua chancelaria, dados alguns podémos colher que nos conduzissem à certeza de ter o *Piedoso* habitado os seus novos Paços. Somos, porém, de parecer que não. A compra da propriedade foi efectuada em 14 de Abril de 1556 e D. João III faleceu no dia 11 de Junho do ano seguinte. Não é natural, portanto, que em pouco mais de um ano as obras dos novos Paços tivessem tido início e atingido acabamento tal que permitisse à Família Real habitá-los.

Alguns anos antes, em Fevereiro de 1552, D. João III acolheu-se uns dias a Xabregas, na sua vinda de Almeirim para Lisboa e enquanto as obras dos Paços da Ribeira se acabavam (8). Teria sido então que o Monarca, entusiasmado pelas belezas do local, se resolvesse a construir ali os seus Paços? É bem possível que sim.

A propriedade que o Rei adquiriu estava situada entre os dois conventos já existentes: o da Madre de Deus e o dos frades franciscanos — isto é, transpondo-nos à actualidade, entre a igreja da Madre de Deus e a fábrica dos tabacos.

Impossível é, pois para tal nos escasseiam os documentos, remontarmos a épocas anteriores à transacção. Não é, porém, difícil pensar que todo aquele terreno, na orla do Tejo, tivesse sido fértil campo de cultura, extensa quinta de um só senhorio, ou subdividida em pequenos hortejos e almuinhas, onde as oliveiras e outras árvores de fruto amenizavam todo o vale de Chelas.

(Continua)

(7) Tomo XX, fl. 768.

(8) *Liv. III de doc. e cons. de D. João III*, fl. 133 (Arquivo municipal).

G U S T A V O D E M A T O S S E Q U E I R A

L I S B O A

Peça em 3 actos e 5 quadros feita sobre a

COMÉDIA ULYSIPPO

DE

JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS

representada no Teatro Nacional D. Maria II,
em récita de gala, dentro das Comemorações
do Oitavo Centenário da tomada de Lisboa
aos Moiros, na noite de 25 de Outubro
de 1947

LISBOA — 1948

ESTA PEÇA... «LISBOA»

«Lisboa» — tradução para hoje da «*Ulisippo*», de Jorge Ferreira de Vasconcelos — é, consoante a própria classificação do autor, a história da vida amorosa de Lisboa quinhentista. A acção que se passa nesta cidade em 1546 — há quatrocentos anos! — embora se diga no prólogo original que tais sucessos se deram no «tempo da Maria Castanha», reflecte o panorama alfacinha da época. Jorge Ferreira, que já compuzera no seu tempo de estudante coimbrão a «*Eufrosina*», debaixo do influxo da «*Tragi-comédia de Calisto e Melibeia*», de Rojas, mais conhecida pelo nome de «*Celestina*», libertou-se, nesta outra sua obra, do traço e do espírito alheios, e deu-nos uma comédia cheia de originalidade e uma pintura humana e risonha da vida lisboeta do seu tempo. Sem poder ainda fugir às normas da comediografia italiana e castelhana, o texto dramático da «*Ulisippo*» opila-se de rifões, anexins e sentenças, farta-se de exemplos romanos e, desprezando a lógica da sequência das cenas, dá, à maioria das personagens, os estranhos nomes clássicos que, aliás, não chegam para desfigurá-las.

Para trazer a comédia de Jorge Ferreira até hoje e fazê-la entender e gostar por uma platéia de 1947, houve que desarticular actos e cenas, expurgar o texto de todo o material literário, inútil para a dramatização da história que se conta, nomear-lhe as personagens à portuguesa, e articular de novo toda a construção teatral, sem, todavia, lhe perturbar as intenções, o estilo e o sabor precioso da linguagem.

A «*Comédia Ulisippo*», que nunca foi representada, assim transportada à actualidade, julgamos não ter perdido o seu perfume original. Em nada se parece, como o público verá, com a restante produção dramática do século XVI. Está tão longe de Gil Vicente, como de Sá de Miranda e de António Ferreira. É uma comédia-farça, pitoresca, ridente, comunicativa e, por ela se verá que o material humano permanece intangível através dos tempos, dentro de trajos diferentes e sujeito à diversidade das condições e melhorias da vida.

Esta «Lisboa» de agora, dividida em 3 actos e 5 quadros, não é

um «arranjo», uma adaptação ou uma interpretação; é sòmente (passe a impropriedade) uma versão para hoje da vida lisboeta de há quatrocentos anos, conseguida à custa da tradução, em tempo, da admirável e humana comédia de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

INTERLOCUTORES

PRÓLOGO *Robles Monteiro*

VIOLANTE	<i>Palmira Bastos</i>
CONSTANÇA DORNELAS	<i>Maria Clementina</i>
SEVILHANA	<i>Constança Navarro</i>
BRÍZIDA	<i>Luz Veloso</i>
FLORENÇA	<i>Adelina Campos</i>
MILÍCIA	<i>Maria Corte Real</i>
LEONOR	<i>Maria Barroso</i>
ISABEL	<i>Manuela Bernardo</i>
GRÁCIA	<i>Maria José</i>
TOMÉ SERRÃO	<i>Samuel Dinis</i>
SIMÃO VAZ	<i>Raúl de Carvalho</i>
LUIZ SERRÃO	<i>Alvaro Benamor</i>
MIRANDA	<i>Pedro Lemos</i>
PERO SOARES	<i>Manuel Correia</i>
BRAZ DE SOUSA	<i>Paiva Raposo</i>
GONÇALO DE AREZ	<i>Augusto Figueiredo</i>
RUI GOMES	<i>Henrique Santos</i>
XISTO	<i>José Cardoso</i>

A acção passa-se em Lisboa em 1546, e, como figurantes, entram nela três criadas e quatro rufiões.

SENHOR PÚBLICO

No tempo das guerras do Peloponeso, na velha Grécia, os lavradores de Atenas costumavam ir ao Templo dos Deuses, agradecer os favores recebidos pela abundância das colheitas, e, em coro, cantavam versos laudatórios..., mas a malícia humana, que tudo corrompe, inspirou-lhes um dia, ao sentirem-se tiranizados, a mudança destes louvores aos Deuses em queixas contra os Homens.

E, de noite, passaram a ir à cidade, com cantares maliciosos, publicando a tirania e nomeando em coro o Tirano. Como alguns destes se emendassem com o ver publicadas as suas más obras, o Senado Ateniense aprovou o novo costume e foi dada licença aos autores para virem, de dia, à cidade, proclamar, por coplas, os erros e vícios do governo.

Com a demasiada liberdade que os autores tomaram nas suas acusações, e ainda, porque a dissolução viciosa ia aumentando com o tempo, veio a ser proibida tal usança, não se deixando mais nomear os prevaricadores. Foi de aqui que se gerou o uso da Sátira que sem nomear alguém notava os vícios de todos, e o culpado vinha a conhecer-se da mesma maneira.

Os poetas, querendo manter o fruto da sua invenção, no tempo de Alexandre Magno, ordenaram então a Comédia Nova, mais comedida e menos odiosa.

Fugiram a tratar dos grandes e em estilo humilde e usando da prosa, de preferência ao verso, fizeram uma imitação da Vida e um espelho de costumes. Tal é a Comédia, feita à sua imagem, que agora se vos dá.

Lisboa se chama. Nela se trata dos amores e sucessos de vida de um nobre cidadão alfacinha, e de um filho e duas filhas que há, e nela se pode entrever toda a comédia amorosa da cidade de há quatrocentos anos, e dos bons e maus costumes desse tempo que, como vereis, são pouco mais ou menos, os de hoje. E para que a história se vá começar a referir, por acções e palavras, imagem justa da que escreveu Jorge Ferreira de Vasconcelos, em 1546, saio deste lugar, para dar entrada aos interlocutores. E Deus vos mantenha, Senhor Público.

PRIMEIRO QUADRO

Um recanto da Lisboa quinhentista, no sítio do Lagar do Sebo. À esquerda a casa de Tomê Serrão, com largo portal, e janelas de adufas e encerados, no pavimento do sobrado. Ao levantar do pano estão em cena, vindos de uma rua, que desemboca à esquerda, os dois «galantes» Rui Gomes e Braz de Sousa. A casa deste forma a ilharga direita da cena.

RUI GOMES — O Amor vence todas as cousas em gosto, sr. Braz de Sousa.

BRAZ DE SOUSA — Andais de novo aleijado, Rui Gomes?

RUI GOMES — Tanto, que não tenho mais do que estar correndo esta frontaria. Se não satisfaço os olhos cumpro a minha obrigação.

BRAZ DE SOUSA — Mulheres moças são janelleiras. E quando janelas não há... Píramo e Tisbe falavam-se pela parede.

RUI GOMES — Esta é muito desviada da condição geral. É rara em tudo como em ser formosa.

BRAZ DE SOUSA — Basta ser mulher. Nem que nascesse do ovo como a filha de Leda.

RUI GOMES — Todos os dias rondo estas adufas, e pouco consigo vê-la.

BRAZ DE SOUSA — Melhor para vós! Quanto menos vista mais cubiçada.

RUI GOMES — Dafne estava numa torre, e Júpiter tornou-se em chuva e foi ter com ela.

BRAZ DE SOUSA — O que elas querem é gastar muitos servidores. Cansai-vos por aqui, e vereis.

RUI GOMES — O que tenho visto é um «galante» que olha muito as adufas. Danam-me os receios.

BRAZ DE SOUSA — Isso é mel para depois. Quem é ele?

RUI GOMES — Pelo traje, é cortesão. Parece Escudeiro. Já assentei em fazer-lhe uma fala.

BRAZ DE SOUSA — Andais acertado, antes que ele crie raízes. E a que horas é certo o rascão?

RUI GOMES — Não deve tardar (*investigando para fora*). Aí vem ele. Vede como vem seguro!

BRAZ DE SOUSA — Parece que tem jurisdição e posse. Quereis que eu o enxote? Competidores nem de barro. (*observando para fora de cena*) Parou agora.

RUI GOMES — Há que poupar os arruados. Pregoam muito. Não quero escandalizar a rua por respeito da minha Senhora.

BRAZ DE SOUSA — Deixai-me com ele.

RUI GOMES — Serviço de amor não põe terceiro. Ide-vos, por mercê.

BRAZ DE SOUSA — Quereis-me na rectaguarda para segurar a presa?

RUI GOMES — Não hei temor, senhor Braz de Sousa. O amor tudo comete e acaba.

BRAZ DE SOUSA — Bem está. Vou ali, ao Beco, dar de olho a uma Dama da minha caça grossa, e breve aqui serei. (*ao ouvido*). Quereis a minha espada? É mais comprida do que a vossa. (*indo a sair, e tornando*). Guiai-o a São Roque que é posto solitário. (*sai*).

GONÇALO DE AREZ (*entrando pela direita*) — Temos Moiro !!!

RUI GOMES (*interpondo-se-lhe*) — Senhor! Há dias que vos trago atravessado na alma. Dizei-me, por mercê... Com quem andais de amores naquela casa?

GONÇALO DE AREZ — Essa é a mais alta e nova pergunta que tenho ouvido. Em toda a cousa que se requiere, o requerente deve cuidar se sofreria que lh'a fizessem.

RUI GOMES — A necessidade não tem leis e dá ousadia.

GONÇALO DE AREZ — E qual é ela?

RUI GOMES — Por si se descobre. Passeio por aqui... e queria saber...

GONÇALO DE AREZ (*atalhando*) — Escusai que vo-lo diga.

RUI GOMES — (*desembainhando a espada*) — Cumpre-me sabê-lo. Nesta casa há duas mulheres dignas de ser servidas. Se nos encontrarmos na afeição há que fazer a conta; se ela for diferente ficaremos conforme as vontades.

GONÇALO DE AREZ (*que também desambainhara a espada*) — Justo não acho o que dizeis. Estou aqui para tudo, mas as sobrancerias nunca deram bom fruto, e trata-se de Dama que eu não devo ofender. Guardai o vosso verdugo, e segui o farol do Paço. Muitos servem a mesma dama e sofrem até que ela escolha o que mais valer. Só os falcões é que levam a garça nas unhas.

RUI GOMES (*enzofrado*) — Sou tão sôfrego, senhor, que não padeço companhia.

GONÇALO DE AREZ — Razoais muito bem, mas eu não ponho em balança a senhora que sirvo. Pouco sofrido também sou.

RUI GOMES (*n'um ímpeto*) — Pois vamos às do cabo. Dizei, qual das senhoras servis?

GONÇALO DE AREZ (*mais calmo*) — Abreviemos a contenda, já que apertais assim. Dizei-o vós. Se for a minha, à fé de gentil homem não o negarei. Outras armas não trago se não a espada e a adaga.

RUI GOMES — E eu só a espada.

GONÇALO DE AREZ — Pois lançarei fora a adaga (*atira fora a adaga*).

RUI GOMES — Tendes razão. (*tomando ânimo*). Eu quero bem à senhora Leonor Serrão.

GONÇALO DE AREZ — Descansai, alma! Eu sirvo a senhora Isabel!

RUI GOMES (*apresentando-se*) — Rui Gomes, para vos servir.

GONÇALO DE AREZ — (*na mesma intenção*) Gonçalo de Arez sou, e a vosso serviço me tereis. (*apanha a adaga e põe-na à cinta*).

RUI GOMES — Em extremo folgo. Ganhei o meu sossego e o vosso conhecimento. Até nos podemos ajudar.

GONÇALO DE AREZ — E eu sou desses. Defendamos os postos como a moiros. Há muito que sois afeiçoado?

RUI GOMES — Conheci-a nas Endoenças. E logo tomou posse de mim.

GONÇALO DE AREZ — E ela sabe-o?

RUI GOMES — Um rapaz da casa leva-lhe recados, mas desconfio que o rascão me mente.

GONÇALO DE AREZ — Errais caminho. Para mulher não há como outra mulher.

RUI GOMES — E vós que inteligência tencêis?

GONÇALO DE AREZ — Namorei-me mais de ouvidos que de vista. Soube que o pai era rico e honrado, e tanto me disseram da virtude e formosura dela, que me tomei de amor. Ordenei então uma romaria a São Bento de Xabregas, mas não se azou o encontro.

RUI GOMES — Como sou novo nestas empresas não há novidade que me não doa.

GONÇALO DE AREZ — Eu era piloto da carreira. Agora com o coração tomado tenho medo de errar a navegação.

RUI GOMES — Trabalhe cada um o que poder e ajude o parceiro.

GONÇALO DE AREZ — Ajustado. A nossa hora há-de chegar.

RUI GOMES — E eu vou-me ao Terreiro, que tenho serviço no Paço. (*sai cortejando Gonçalo*).

GONÇALO DE AREZ — Em caminhos de amores não há que espantar de encontros!

BRAZ DE SOUSA (*entrando*) — Guarde-vos Deus! (*reconhecendo-o*) Ah! senhor Gonçalo de Arez, não vos cuidava aqui...

GONÇALO DE AREZ (*retribuindo o cumprimento*) — Amigo Braz de Sousa, lembrai-vos da formosa Isabel Serrão em que me falou aquela vossa parente numa noite de marrãs?

BRAZ DE SOUSA — Muito bem; mas a que vem a pergunta?

GONÇALO DE AREZ — Parece-me que vai custar mais cara do que Helena a Troia. Sobre ela há mais competidores que praga. Praticava-o agora com o senhor Rui Gomes. Conheceis?

BRAZ DE SOUSA — Ah ereis vós o gentil Garção! E que se passou?

GONÇALO DE AREZ — Estive muito perto de me ingrisar com ele, e de levá-lo de rota batida até os muros. O rapagão era querençoso. Trazia as tripas à boca.

BRAZ DE SOUSA — E afinal?

GONÇALO DE AREZ — Não houve escaramuça e ajustamos pazes. Rui Gomes serve a Leonor.

BRAZ DE SOUSA — Aceitar levemente brigas é doudice, mas o ser insofrido é sinal de pura cavalaria. O Diabo, agora, calabreou a fidalguia com os negócios da Índia. Já pouco se cura de primores de honra, e a nobreza anda tão ensopada em mercância que já não tem por discrição se não decorar preceitos de câmbios.

GONÇALO DE AREZ — É mal sem cura. Há que sofrer-se.

BRAZ DE SOUSA — Sofra-se tudo menos ofensas. Antes quero ser desaraçoado do que ofendido. E então os vossos amores? Andais apercebido?

GONÇALO DE SOUSA — Vencer inimigos de amor custa mais do que tomar Diu.

BRAZ DE SOUSA — Que vos pareceu Rui Gomes?

GONÇALO DE AREZ — Bisonho. Destes que não sofrem que se lhes tire um fio do saio. Sabe pouco desta pilotagem. Cuido que nunca saíu fora do Estreito. Para esta caça de altanaria não serve.

BRAZ DE SOUSA (*vendo aparecer Rui*) — Ele aí vem.

GONÇALO DE AREZ — Já?

RUI GOMES (*entrando*) — Desisti da ida. Topêi Afonso Mendes na Correaria, e dei homem por mim.

BRAZ DE SOUSA — Este posto é mais gostoso.

GONÇALO DE AREZ — Somos soldados da mesma tranqueira. A senhora Isabel tem um rostinho de tauria que abate a estrela Boeira.

RUI GOMES — E Leonor? O pincel de Apeles não tem ali mais que fazer.

BRAZ DE SOUSA — Pois defeidei-as. O Amor nada teme e o tempo acaba o que a razão nega. Eu, também, vou já entrando em jogo com a minha Pega. (*passa ao fundo, correndo, a mulata Grácia*). Ali vai Grácia, a mulata dela. Já torno. (*sai depressa*).

RUI GOMES — São muito pouco janelleiras estas senhoras.

GONÇALO DE AREZ — Devem ser apremadas da mãe, que é senhora virtuosa e de grande governo de casa.

RUI GOMES — Bom é isso.

GONÇALO DE AREZ — Há que aproveitar todas as marés. Diz Ovídio, na «Arte de Amar»: — Vão-se os anos com a água que corre e a água que passa não torna.

RUI GOMES — Convosco estou.

GONÇALO DE AREZ — O que é mister é negociar este cuidado.

RUI GOMES — Creio que descobri uma Mina para saltar a praça.

GONÇALO DE AREZ — Qual? Dizei.

RUI GOMES — Sei de uma mulher que tem estreita amizade na casa. É viúva, bem avaliada, e se lhe falarem nisso tomará o ceu com as mãos ambas.

GONÇALO DE AREZ — Sou dextro nessa Alveitaria. Grande alvitre é o vosso! Ides ver como tomamos o baluarte.

RUI GOMES — Se tal conseguirdes, nunca homem fez tal sorte.

GONÇALO DE AREZ — Não há meio mais próprio. Alcoviteiras foi chão que deu vinho. Uma senhora assim faz do céu cebola.

RUI GOMES — Como ides armar a rede?

GONÇALO DE AREZ — O meu amigo Braz de Sousa é discreto e sagaz. Arma uma conspiração melhor do que Catilina. Mando-o a falar-lhe. Para a persuadir melhor irá de capuz de Dó. Como gostais da mais nova tratará só de vós; que quereis casar-vos, pedi-la ao pai, mas que o não fazeis sem licença...

RUI GOMES — Para não lhe forçar o gosto.

GONÇALO DE AREZ — Isso. Cortem-me a cabeça se ele não conseguir tudo.

RUI GOMES — Vou saber se ela está na pousada. É aqui no Beco do Pato. Se não estiver pergunta-se a uma vizinha.

GONÇALO DE AREZ — E eu convosco. (*saem os dois*).

BRAZ DE SOUSA (*entrando a perseguir Grácia*) — Eh Grácia!

GRÁCIA — Ah, é Vossa Mercê!

BRAZ DE SOUSA — Venho atrás de ti cem ruas. Vais fugindo?

GRÁCIA — Como gamo.

BRAZ DE SOUSA — Porquê?

GRÁCIA — É escusada a perseguição. Vinha para a vossa pousada.

BRAZ DE SOUSA — Se não te apanho, enforcava-me. Era como se andasse atrás da minha alma.

GRÁCIA — Onde a galinha tem os ovos, lá se lhe vão os olhos.

BRAZ DE SOUSA — A minha ração?

GRÁCIA — Ração?

BRAZ DE SOUSA — Sim, a ração da minha alma. Por vida desses dentes tão alvos, como vai a minha senhora?

GRÁCIA — Ai a graça! Como poderá ela ir se vós lhes faltais...

BRAZ DE SOUSA — Ah Cadelinha que me mentes!

GRÁCIA — Quereis que vá peneirar para outro lado?

BRAZ DE SOUSA — Peneira só para mim, Grácia. Fala, anda...

GRÁCIA — Então quer que eu fale ou ande?

BRAZ DE SOUSA — Fala de pressa. Que diz ela?

GRÁCIA — As uvas colhem-se quando estão maduras. Suspirai, sonhai e desejai. Contentai-vos com o que tendes.

BRAZ DE SOUSA — Aposto que ainda não sonhou comigo.

GRÁCIA — Isso era o mesmo que cavalgar antes de selar. Sois desconfiado. Mereceis uma Duquesa e tendes tão pouca fé!

BRAZ DE SOUSA — Se eu a não tivera não poderia viver com tais friezas. Já fora pó ou tinha-me lançado ao mar.

GRÁCIA — Tal não façais, por amor de mim. Que seria da pobre Grácia!

BRAZ DE SOUSA — Deste a minha carta?

GRÁCIA — E não foi mal recebida. Tivemos com ela um serão de riso.

BRAZ DE SOUSA — Com que então o meu escrito inda serviu de folgança! E a resposta?

GRÁCIA — Lá iremos. O Demo talhou o embigo convosco. O senhor Braz de Sousa, caíu em graça. Aí tendes a resposta (*tira uma carta do peito, e dá-lha*).

BRAZ DE SOUSA (*beijando o escrito*) — Ah grandíssimo bem! Nunca te poderei pagar este serviço. Nem um trono que eu tivesse!

GRÁCIA — Respondei esta noite que eu lhe porei o escrito na escrevânica. Logo venho cá buscá-lo. (*com intenção*) Queria pedir-vos uma mercê...

BRAZ DE SOUSA (*à parte*) — Esta já está amargada.

GRÁCIA — Perdoai o atrevimento! É necessidade...

BRAZ DE SOUSA — Escusai mais palavras. Que queres?

GRÁCIA — Que me empresteis cinco cruzados. É só por oito dias. Furta-ram umas colheres de prata à senhora Sevilhana...

BRAZ DE SOUSA (*enlevado*) — Sevilhana...

GRÁCIA — E queria-lhes comprar antes que ela soubesse.

BRAZ DE SOUSA — Não trago moedas comigo, mas estás servida.

GRÁCIA — Eu cá virei de manhã cedo. É só por oito dias.

BRAZ DE SOUSA — Eu não empresto.

GRÁCIA — Pois Deus lho pagará, que os cruzadinhos não caem em sacco roto.

BRAZ DE SOUSA — Vê se consegues que eu a veja...

GRÁCIA — Vossa Mercê não a topou ontem?

BRAZ DE SOUSA — Não.

GRÁCIA — Foi a casa de uma parente a S. Bartolomeu. Ia um Serafim! Eu bem lhe disse que olhasse em volta. Cada embuçado que via cuidava que ereis vós. Perguntou-me onde ficava a vossa pousada. A sua vontade era cá vir beber um púcaro de água.

BRAZ DE SOUSA — Isso não me fizeste tu.

GRÁCIA — Que diria de mim a vizinhança!

BRAZ DE SOUSA — Se um dia a topo num Beco, furto-a.

GRÁCIA — Tende paciência. O que não se fez em dia de Santa Luzia, faz-se noutro dia. Agora, dai-me licença que tenho de ir à Ribeira. Amanhã cá me tereis. E os cinco cruzados que não esqueçam.

BRAZ E SOUSA — Vai, com Deus. (*Grácia sai*) ou com o Diabo. Não há bom jantar que não de má ceia.

GONÇALO DE AREZ (*entrando*) — Estais agastado?

BRAZ DE SOUSA — Aquela perra levou-me agora cinco cruzados.

GONÇALO DE AREZ — Se a corretagem os valeu não há que chorá-los.

BRAZ DE SOUSA — Eu arrenego sempre da tijelinha de oiro em que cuspo o sangue.

GONÇALO DE AREZ — E a carta não vale as moedas? É a primeira?

BRAZ DE SOUSA — A primeira.

GONÇALO DE AREZ — Os amores para se gostarem têm de comunicar-se.

BRAZ DE SOUSA — Já o tenho ouvido.

GONÇALO DE AREZ — Não havendo razão de segredo...

BRAZ DE SOUSA — Ou se não são de mulher com quem se pretenda casar...

GONÇALO DE AREZ — Ha tais que todo o seu gosto é mostrar tais escritos. Se a carta traz palavrinhas em latim ou mote em castelhano rir-vos heis da sua prosápia; mas vós não sois desses. Lede a carta.

BRAZ DE SOUSA — Pois assim seja. (*abre-a, e lê*) Pede-me que desista da empresa e quere desenganar-me. (*dando-a a Gonçalo*) Lede.

GONÇALO DE AREZ — Ui como está fera! É uma bombardarda castelhana.

BRAZ DE SOUSA — Está morta pela resposta. Vereis como eu amanso esta Dona Bugia. Vai um testamento de amor que fica pedindo a unção. Mulheres são fingimentos.

GONÇALO DE AREZ — E quando elas falam frautado e borrhifam as queixas com lágrimas de amor?

BRAZ DE SOUSA — Resiste-se também.

GONÇALO DE AREZ — À formosura não se resiste.

BRAZ DE SOUSA — Ser formosa não é virtude. Eu arrenego dos rostinhos alfenados que nos mentem.

GONÇALO DE AREZ — Pois bailai vós com mulatas e focinhos de bode, fazei pagodes e praticai com devassas, que eu antes quero um carão de alfenim. Mulher feia nunca teve boa condição.

BRAZ DE SOUSA — Não me façais cócegas dessa maneira que me lanço já em tal mar.

GONÇALO DE AREZ — Y la vuestra és hermoza?

BRAZ DE SOUSA — Passa em cavalos brancos pela maior formosura de Lisboa.

GONÇALO DE AREZ — Como a minha! Pois para consertar vossos males e os meus, hei mister um favor vosso.

BRAZ DE SOUSA — Meu?

GONÇALO DE AREZ — Ides ouvir. Tendes que falar a uma dona viuva, mulher de respeito, com grande crédito para tudo...

BRAZ DE SOUSA — Constança Dornelas?

GONÇALO DE AREZ — Essa mesma. Vós tendes boa mão para estas amizades. Vinde comigo até o Beco do Pato, e pelo caminho vos direi o recado.

BRAZ DE SOUSA — Conheço a pousada. Grande alforje de casa é essa senhora. *(saem, conversando)*

(Abre-se a janela de adufas da casa de Tomé Serrão, e aparece o criado Miranda, espreitando a rua. Depois surge, vindo da direita, Simão Vaz, a tempo que Miranda desce à rua)

MIRANDA — Oulá! Donde vindes sr. Simão Vaz?

SIMÃO VAZ — Fui deitar fora um cabelo branco. Venho da Horta de Andaluz. As azevias estavam iguaria prima!

MIRANDA — Grande vida levais!

SIMÃO VAZ — A melhor que posso, e a quem lhe pesar quatro figas. Não sou Hibernio da Irlanda, nem contemplativo. O meu repertório é este: — Falar claro, em brigas valer de pés, chegar-me para os bons, dormir bem, comer melhor, beber ainda melhor, não fiar de Bacharéis e não entrar em barco de Cacilhas.

MIRANDA — Boa regra!

SIMÃO VAZ — Faço-me da cor do Tempo como Camaleão; desprezo o alheio, contento-me do próprio, e falo ao som do pandeiro de cada um.

MIRANDA — Houve um grande fidalgo que disse uma vez ao Escudeiro que o aplaudia em tudo: — Homem contradiz-me alguma vez para se saber que somos dois.

SIMÃO VAZ — Deus me livre de tal homem! A vida é como cada um a faz. Eu faço a minha o mais segura que posso. Com esta guitarra, quatro pares de chifres, dois pés de canário, e uma dúzia de apodaduras ponho guerra a todo o mundo.

MIRANDA — Vossa Mercê estava no certo, se não houvessem pescoadas a tempo.

SIMÃO VAZ — Ide-vos enforcar que isso é vento. A mim nunca me faltam quatro moços de folgar, meus amigos, que o seu vintém é meu. Passam uns, vêm outros.

MIRANDA — Há homens que só servem para praguejar e dizer mal da Fortuna.

SIMÃO VAZ — Ainda hoje topei um. Gastou tudo o que herdou; vivia numa pousada do tamanho de um almofariz, e não podia sair por minguia de roupa. Fui buscá-lo, levei-o a uma casa de jogo, pedi o Barato, amofinei os jogadores, meti-o de conversa com os mancebinhos que começam, e de aí a nada estava provido de roupa e de moedas. Os homens fazem os homens.

MIRANDA — Mas isso, sr. Simão, é viver do alheio.

SIMÃO VAZ — Ai Miranda que estais todo Virtude! Se sois aio dessa casta para o filho do vosso amo, mal aparelhado o tendes.

MIRANDA — Dele vos queria falar, e aconselhar-me...

SIMÃO VAZ — Todos me tratam de velhaco mas todos me chamam, até para botar cantigas que aliviem cuidados. Ainda ontem fui a casa de um amigo para lhe alegrar uma irmã que quiere ser freira. Cantei-lhe uma trova à guitarra que ela se tomou a rir como perdida. A outra semana chamaram-me para apontar uma carta a um fidalgo que está na Índia, e vive lá todo cortado de saudades. Ia mais pintada de cores que o roupetão de um Diabrete. Que quereis, então, para o filho do vosso amo?

MIRANDA — Ides ouvir. O senhor Luiz Serrão anda de amores com a filha da Brízida.

SIMÃO VAZ — Florença?

MIRANDA — Essa mesma...; mas há um Indiático rico...

SIMÃO VAZ — O Pero Soares. Conheço a mejoada. Pois comigo tem a navegação certa e vento de popa. A amiga mais certa dela é da minha obrigação. Agora ia eu para lá. Desconfio que amanhã há lá pagode. Prepararam-se as pazes com o capoeirão.

MIRANDA — O vizinho e amigo do meu amo...

SIMÃO VAZ — Florença estava ingrisada com ele. Esse polhastro é um dos meus favoritos. Tem bons dobrões ganhos com canela e gengibre. Pois vamos lá ao conselho. O vinho que tal? (*dirigem-se para a porta da casa de Tomé Serrão*)

MIRANDA — É de Santarém. Entremos. O senhor Tomé Serrão já está recolhido. (*entram na casa*).

RUI GOMES (*entrando com Gonçalo e vendo os vultos*) — Entrou gente no portal.

GONÇALO DE AREZ — Não receieis que são da casa. Pois tenho-vos servido altamente, senhor Rui Gomes. Braz de Sousa lá foi à pousada da Constança Dornelas. Vai ferir fogo como pederneira.

RUI GOMES — Se tal suceder não mais serei triste.

GONÇALO DE AREZ — O que é mister é peitá-la com qualquer galantaria.

RUI GOMES — Essa é a chave do nosso jogo. Há que untar a fechadura. Descreio dos Moiros se ele não levar a bom termo a embaixada.

GONÇALO DE AREZ — É homem para muito. Eu já ando preparando um escrito para mandar à senhora Isabel.

RUI GOMES — Também aqui trago um borrão. A senhora Leonor vai tomar isto como pílula. O nosso embaixador demora-se!!!

GONÇALO DE AREZ — Não pode tardar. Olhe, ali vem ele mais grave do que Saturno. Me matem se não pôs o mar chão.

BRAZ DE SOUSA (*entrando, envolto num capuz*) — Deixai-me desentrouxar deste capuz. Má Páscoa venha a quem inventou tal trajo. Isto para os Moiros é o Alcorão, mas para gente cristã...

RUI GOMES — Que se passou?

GONÇALO DE AREZ (*para Braz*) — Falai brando, não nos apanhem o segredo.

BRAZ DE SOUSA — Hei-de gritar que me ouçam no Barreiro. Nunca se alcançou uma vitória assim em toda a Índia.

RUI GOMES — Então dizei.

BRAZ DE SOUSA — Cheguei à porta dela e logo os sinais foram bons. Limpei os pés no trapo do lumiar, e mandei pedir licença para uma palavra. Subi ao sobrado. A escada parecia um jasmim, e tinha uma rede para as moscas. Entrei. Ela estava sobre um tapete azul, e tinha consigo uma moça pequena, destas de «antre pulo e boléo», com um bico— ui que bico! As saias faziam trochado em roda e os olhos eram uma roda viva.

GONÇALO DE AREZ — E depois?

BRAZ DE SOUSA — Lá vamos. A senhora Constança Dornelas com o seu capelo crú, de grandes operlandas, e o pano de virtude sobre ele, estava mais apontada de seda e oiro do que caravela do Estreito, e rodeada de livros como se estivesse dentro de um signo-saimão.

RUI GOMES — Tinha cachorrinho de fralda?

BRAZ DE SOUSA — Oh se tinha! Azedo como um Porteiro e ensaboado como um volante. Espremeu os beijos para lhes dar, cor, e desbarretou o seu cumprimento. Eu tirei a carapuça aos meus, e começamos a praticar.

GONÇALO DE AREZ — Ela conhecia-vos?

BRAZ DE SOUSA — Nem de ouvido. Mostrei quem era e puz-me a seu serviço.

RUI GOMES — Bom introito.

BRAZ DE SOUSA — Toda confortada dos meus louvores, embebedou-se de vaidade. Ao falar no marido, que Deus lá tem, pôs no chão os olhos acarelados de luto, e mandou afastar a moça.

GONÇALO DE AREZ — Percebeu do que se tratava.

BRAZ DE SOUSA — Entendeu, mas fingiu que não. Entrei então na matéria. Falei-lhe das senhoras Serrões. Ela logo atestou que eram uns pinhos de oiro, virtuosas até ali, e que só saem para a igreja ou para festas de qualidade. Disse-lhes que ia mandado de um fidalgo da Côrte, rico e honrado, que queria pedir ao pai a senhora Leonor.

RUI GOMES — E ela que disse?

BRAZ DE SOUSA — Que o encargo era alheio às suas ocupações, mas que aceitava o ser medianeira já que era serviço de Deus.

GONÇALO DE AREZ — Graças, sr. Braz de Sousa. (*para Rui*) É a primeira brecha na fortaleza.

BRAZ DE SOUSA (*para Rui*) — Aceitou que lhe falasseis num Mosteiro, por ser tal lugar como a tenção. O meu conselho, agora, é que não dilateis o encontro. O ferro bate-se enquanto está quente. (*dirige-se para casa*)

RUI GOMES — E eu estou ardendo.

(Sente-se o correr da adufa na casa de Tomé Serrão. Sobressalto dos dois galantes)

GONÇALO DE AREZ — Escutai. Mecheram na adufa.

RUI GOMES — é Leonor!

GONÇALO DE AREZ — é Isabel!

BRAZ DE SOUSA *(entrando em casa)* — Acautelai-vos, não seja o pai.

(os dois afastam-se cosendo-se com as casas. Abre-se a porta da casa de Tomé Serrão. Simão Vaz sai, e Miranda aparece à janela)

MIRANDA — Cuidado! Vi uns vultos a escapar-se!

SIMÃO VAZ *(empunhando uma borracha de vinho)* — Pássaros de arribação! *(mostrando a borracha)*. Não hei medo, que levo esta companheira *(canta)*

Estais comigo enganada
se cuidais
que não sei que me enganais,

MIRANDA *(à janela)* — Bem canta o francês molhado o papo!

SIMÃO VAZ *(cantando, vai saindo, cambaleante)*

Se cuidais
que não sei que me enganais

SEGUNDO QUADRO

Na pousada de Tomé Serrão. Interior de uma casa familiar de meia-nobreza, no século XVI. Tectos de abobadilha de tejolo, caleados; pavimento de tejolo, uma tapeçaria numa das paredes. Um armário, um bufete, bancos, tamboretas, e um biombo de charão.

TOMÉ SERRÃO — Quereis que vos diga? Essa vossa confiança não me contenta. Enganai-vos, senhora Violante; estais cega. As culpas das vossas filhas parecem-vos virtudes. Vigiai-as que tendes que fazer.

VIOLANTE — Vós que assim julgais é que conheceis o mal.

TOMÉ SERRÃO — Não vo-lo nego. Fiz o que pude e disso me preso. Fui azevieiro de marca. Muita vez me vesti de mulher para ir a romarias, puz máscaras, trepei com ganchos as janelas, e até conhecia o ladrar dos cães de cada casa.

VIOLANTE — Ficou-vos o costume. ...

TOMÉ SERRÃO — Tá, Tá! que ainda tendes cócegas!

VIOLANTE — A verdade amarga.

TOMÉ SERRÃO — E a mentira é doce. Aceitai a minha experiência. Os criados e criadas são espias e pregoeiros; ouvem e não calam. Se virdes alguém a cochichar com as moças; feita coruja de serão, enxotai-a. Vizinhas muito familiares que entram e saem e sempre têm que rir, evitai-as. Comadres, nem de barro. São cúis de sete lares, que poisam aqui e ali e sempre deixam que falar.

VIOLANTE — Ih Jesus! Que de malícias sabeis!

TOMÉ SERRÃO — Isto entra-vos por um ouvido e sai-vos por outro, mas eu cumpro a minha obrigação, e vós que fazais a vossa vontade.

VIOLANTE — Como se eu alguma vez a fizesse!

TOMÉ SERRÃO — Nunca houve mãe que não fosse enganada das filhas.

VIOLANTE — As vossas são virtuosas, e se não fossem cá estava eu.

TOMÉ SERRÃO — Mas folgais de as enfeitar. Se as gabam de formosas, pelais-vos.

VIOLANTE — E que mal há no louvor? Não sei que suspeitas são agora essas. Passam semanas sem curar o rosto nem pregar alfinete.

TOMÉ SERRÃO — Quanto menos ociosidade menos malícia. Por mim não lhes soffro andar pelas janelas.

VIOLANTE — Nem eu. Nunca as gabo nem lhes festejo as doudices. Que mais quereis que faça?

TOMÉ SERRÃO — De alguns dias para cá, vejo dois «galantes» a rondar a pousada. Por mais que dissimulem logo se entende a manha. Conheço-as a todas.

VIOLANTE — Por vossos feitos julgais os alheios.

TOMÉ SERRÃO — Certo é. Vem os tais muito de pressa até o largo, e,

em chegando à vista, põe-se a pairar como naus de conserva. Se me topam, carregam o barrete, mas no cabo da carreira, voltam o rosto e põe os olhos de atalaia.

VIOLANTE — Quem aprendeu tal é por que o fez.

TOMÉ SERRÃO — Não fui eu moço também? Vigiai-as.

VIOLANTE — Onde não há fumo não à fogo.

TOMÉ SERRÃO — Nada de mimos. Trazê-las de oiro e azul não é bom. Desacostumai-as de festas e de romarias. Mulheres não são andores para se mostrar na rua.

VIOLANTE — Tudo isso é para lhes não dardes as cotas de seda. Pois bem precisam delas. Eu não as hei-de trazer só na cozinha como Gatas Borracheiras.

TOMÉ SERRÃO — Logo vi que aproveitáveis a monção

VIOLANTE — As filhas dos que podem menos não andam com elas. Ainda ontem passou aqui a filha do Odreiro, mais apontada de seda que nem princesa.

TOMÉ SERRÃO — Por os outros serem parvos, hei-de eu sê-lo?

VIOLANTE — Como dão boa vida às mulheres e cuidam das filhas são parvos.

TOMÉ SERRÃO — Maus exemplos não obrigam.

VIOLANTE — Dai as cotas de seda. É para irem aos Ramos de Alhos Vedros.

TOMÉ SERRÃO — Pois seja o que Deus quiser; mas olho nas janelas. É de ali que elas fazem guerra ao mundo. Antes as queria abertas do que com adufas e encerados. Em casa de mulheres moças andam sempre rotos de tanto que servem. E nada de segredos de criadas nem de recadinhos.

VIOLANTE — Se quereis descanso, buscai-lhes maridos.

TOMÉ SERRÃO — Nisso ando. Já outro dia me falaram no filho do nosso compadre.

VIOLANTE — Credo! Aquele baboso do Rosendo?

TOMÉ SERRÃO — É rico.

VIOLANTE — Isabel não quer senão um Escudeiro, e Leonor vai mais longe.

TOMÉ SERRÃO — Pois pintam-se os maridos se os não houver.

VIOLANTE — Antes elas escolham do que nós desacertemos.

TOMÉ SERRÃO — Tal não deve ser. A experiência é grande sabedora. Falaram-me também de um viuvo que herdou da mulher dez mil cruzados...

VIOLANTE — Um viuvo? Antes ser freira. Isabel se casasse com um viuvo, morria.

TOMÉ SERRÃO — Então viuvos não são homens?

VIOLANTE — Viuvos, são uvas penduradas; fruto fora da sazão e já sem graça. As vossas filhas têm juízo e gosto próprios. O tempo não foge.

- TOMÉ SERRÃO — Em minha casa há-de se fazer o que eu mandar.
- VIOLANTE — E dais-lhes as cotas?
- TOMÉ SERRÃO — Outra vez e doze! Em se vos enraizando uma ideia! Deixai passar este ano.
- VIOLANTE — Para quem sois liberal e franco, sei eu. Eu sou a rodilha. Se fizesse como as outras que nunca saem do estrado e não metem as mãos em água fria, seria mais estimada.
- TOMÉ SERRÃO — Fazei o que quiserdes. A vossa vontade vence sempre.
- VIOLANTE — E já agora dai também uns corpinhos com torçais de oiro...
- TOMÉ SERRÃO — E botões de diamantes, não?
- VIOLANTE — Mas um tafetá encarnado para as saias, seria bom. Não hão-de ir despidas onde as outras vão de repicaponto.
- TOMÉ SERRÃO — Sem elas não há festa.
- VIOLANTE — Agora é o seu tempo. Deixai-as folgar que são moças.
- TOMÉ SERRÃO — Ainda haveis de me empobrecer com tantas galanterias.
- VIOLANTE — (*tímidamente, aproximando-se*) — E o vosso filho!
- TOMÉ SERRÃO — Também precisa de vestido?
- VIOLANTE — Traz o dele tão safado que se corre de ir ao Paço.
- TOMÉ SERRÃO — Bom vai o negócio! Nem o Tesouro de Veneza!
- VIOLANTE — Quando vós ereis mancebo, não andáveis lustroso
- TOMÉ SERRÃO — Luzia mais com burel do que esse madraço com brocado. Uns borseguins, uns capuzes de Bristol azul, faziam mais vista do que todos os setins pretos de agora.
- VIOLANTE — Ao Luiz tudo lhe está bem. Até o notam no Paço.
- TOMÉ SERRÃO — Cuidais que ele vai lá? Vai, mas é bargantear com outros como ele.
- VIOLANTE — Era o que vós fazieis.
- TOMÉ SERRÃO — E os gatos também precisam de vestir-se?
- VIOLANTE — Precisam as negras que é uma vergonha como andam.
- TOMÉ SERRÃO — Nos meus moços não falais...
- VIOLANTE — O Miranda não precisa dos meus cuidados. Lá vos entendeis os dois.
- TOMÉ SERRÃO — Já faltava o remoque.
- VIOLANTE — É que as razões sobram.
- TOMÉ SERRÃO — Não tendes mais que pedir?
- VIOLANTE — Para mim nada quero. Os filhos que se avenham convosco.
- TOMÉ SERRÃO — Dizeis bem. O Luiz não tem outro ofício senão cortar vestidos e andar com mulheres.
- VIOLANTE — Parece que nem gostais dele. O que dais é chorado como se o Demo o levasse.
- TOMÉ SERRÃO — Nada vos tolho. Digo o que entendo; fazei o que quiserdes. Mandai fazer a ceia que vem cá Pero Soares.

VIOLANTE — Ui, que Serpe! A que horas?

TOMÉ SERRÃO — Cedo. Agora vamos os dois até os Meninos Orfãos.

VIOLANTE — Por bem não é a ida.

TOMÉ SERRÃO — A vossa suspeita é que é por mal.

VIOLANTE — Quem alguma vez foi Diabo, sempre lhe fica um jeito.

TOMÉ SERRÃO — (*sacudido*) Até logo. (*sai, acenando às filhas que vêm entrando*)

VIOLANTE (*às filhas, que entraram*) — Por amor de vós hei-dé ter sempre achaques com vosso pai.

ISABEL — Ele dá os vestidos?

VIOLANTE — Dá conselhos. Quere que estejais em casa. Diz que não tendes necessidade de ir à rua.

LEONOR — Às filhas do Ouvidor não escapa romaria nem dia santo.

ISABEL — E não se levantam senão a que horas por amor do carão.

VIOLANTE — A ociosidade não merece inveja.

ISABEL — Praza a Deus que me leve e me tire deste cativoiro.

LEONOR — Meu pai, se nos pudesse entaipar, viveria a seu gosto.

ISABEL — O melhor é meter-nos freiras.

VIOLANTE — Antes freira do que golhelheiras.

LEONOR — Já ando cega de tanta costura.

VIOLANTE — Tomaram muitas ter as vossas vidas.

ISABEL — Para vós todas as filhas alheias são santas, os labores são estremados, a Virtude famosa...

LEONOR — Em nós tudo é mau.

VIOLANTE — Calai-vos tontas. Sabeis que diz o vosso pai? Que sois janeleiras; que nunca vem de fora que não vos veja nas adufas ou a espreitar pelo encerado.

ISABEL — A mim nunca me viu.

LEONOR — Nem a mim.

VIOLANTE — Até embuçados andam a rondar a casa.

ISABEL — Ih Jesus! As janelas são tão altas como torre de igreja.

LEONOR — E da rua não nos hão-de comer.

VIOLANTE — Sois moças a discurrer. Vosso pai quere casar-vos à vossa vontade. Não me deis má velhice. Se eu soubesse que a suspeita era certa...

ISABEL — Que vê ele em nós para recear-se?

VIOLANTE — Fazei-lhe a vontade e tereis o que quiserdes.

LEONOR — E os vestidos?

VIOLANTE — Amanhã também é dia.

LUIZ SERRÃO — (*entrando, do interior da casa*) E hoje, não é? Estou perdido por comer.

VIOLANTE — Tamanha «galga» trazeis que não podeis esperar a ceia?

LUIZ SERRÃO — A fome aperta. (*para as irmãs*). Hajam caridade, manas! Ah Leonor, prova que és minha amiga!

LOENOR — (*apontando o armário*). Naquele armário está lacaõ de fumeiro.

LUIZ SERRÃO — (*indo ao armário, e trazendo o presunto*). Bemaventurada sejas! Hei-de bailar na tua boda.

VIOLANTE — Todo o teu feito é com manjares e damas, doudices e más companhias. Nem uma ora para estardes em casa. Bem diz teu pai!...

LUIZ SERRÃO — Ninguém vê o argueiro no seu olho. Os pais querem que os filhos sejam velhos, é pecha antiga. Quando mancebos viveram a seu sabor; depois o mundo aborrece-os, e como a idade lhes não permite desenfadamento, chamam a cabido a Experiência, que é uma velha enfastiada.

VIOLANTE — Os apetites desenfreados não são de louvar.

LUIZ SERRÃO — Meu pai, quando está de boa veia o seu gosto é contar o que fez e gabar-se de excessos que não me sofreria... E quer que eu seja Capucho!

VIOLANTE — Segue o que ele diz, e acertarás,

LUIZ SERRÃO — Se alguma vez tiver filhos, não os hei-de trazer em penitência dos pecados que fiz. Hei-de ser-lhes companheiro e não carrasco.

VIOLANTE — O que o teu pai quer é que não tenhas más companhias, nem más conversações.

LUIZ SERRÃO — Eu não ando a tomar capas nem a matar homens. Sirvo damas que é próprio da minha idade! Amor é pura cavalaria!

VIOLANTE — Não me embelécas com as tuas parolas... Cuidas que não sei o que fazes?

LUIZ SERRÃO — Ser namorado não m'ó tolha ninguém. A minha Dama é formosa, sabeis? Um pinho de oiro (*às irmãs, que estão bordando*) Manas! Que-reis ouvir uma trova que lhe fiz no S. João? Estava ela no jardim, colhendo flores...

(*declama*)

Menina que colheis flores,
e sois das flores a flor,
por dita sentis amor
como a outro dais amores...
Cuidado, entre as ervas dais,
entre as flores, pensamento;
dos olhos com que me olhais
nasce Dor, pena e tormento!

Há mais Mancias do que isto? Há mais França?

(*Continua*)

ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

DURANTE O ANO DE 1947

SECÇÃO DE MOVIMENTO CULTURAL E PROPAGANDA

VISITAS DE ESTUDO

- 12 de Janeiro — À Central Tejo das Companhias Reunidas do Gás e Electricidade, dirigida pelo sr. eng.º Ilídio Maris Simões.
- 26 de Janeiro — À Igreja do Menino Deus, dirigida pelo sr. Mário de Sampayo Ribeiro.
- 19 de Fevereiro — À Igreja Paroquial da Penha de França, dirigida pelo sr. dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
- 23 de Fevereiro — Ao Museu Militar, dirigida pelo sr. coronel Pestana de Vasconcelos.
- 30 de Março — Ao Hospital Militar Principal de Lisboa, (Hospital da Estrela), dirigida pelo sr. capitão Marques Júnior.
- 13 e 20 de Abril — Ao Museu Nacional de Arte Contemporânea, dirigida pelo sr. prof. Armando Lucena.
- 27 de Abril — À Estação Central Telefónica, dirigida pelo sr. eng. Manuel Maria Ataíde.
- 11 de Maio — A Santarém (Igrejas do Santo Milagre, S. João de Alporão e da Graça), dirigida pelo sr. dr. Francisco Cância.
- 25 de Maio — Ao Instituto Superior Técnico, dirigida pelo sr. eng. Magalhães Ilharco.
- 18 de Junho — Ao Museu Nacional dos Coches, dirigida pelo sr. dr. Luís Keil.
- 28 de Junho — Ao Museu Nacional de Arte Antiga, dirigida pelo sr. dr. João Couto.
- 12 de Julho — Às Exposições de Azulejos e de documentos e óleos de arte relativos à História de Lisboa, no Museu Nacional de Arte Antiga.
- 13 de Julho — Passeio no Tejo, no vapor *Évora*, em que falaram os srs. Matos Serqueira, Norberto de Araújo, Mário de Sampayo Ribeiro e Sidónio Miguel.
- 19 de Outubro — A Colónia Balnear Infantil de *O Século*, em S. Pedro do Estoril, dirigida pela sr. Ferreira da Silva.

- 25 de Outubro — Aos Paços do Concelho, e cumprimentos ao Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara pela passagem do Oitavo Centenário da Tomada de Lisboa.
- 11 de Novembro — À Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, dirigida pelo sr. Padre Moreira das Neves.
- 23 de Novembro — Ao antigo Palácio dos Sousa Calharizes, dirigida pelo senhor dr. Luciano Ribeiro.
- 13 e 14 de Dezembro — Ao Palácio Nacional da Ajuda, dirigida pelo sr. doutor Cayola Zagalo, e
- 21 de Dezembro — Aos Estudos da Tobis Portuguesa, dirigida pelo sr. dr. Eduardo Rodrigues Pinto.

EM PLENA ACTIVIDADE RENOVADORA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

apresentou em Dezembro de 1946
o navio-motor **ROVUMA**
em 1947 o **MOÇAMEDES**

e apresentará em 1948 **dois** paquetes e **dois** vapores mixtos para
a carreira da India e **três** navios de cabotagem, **num total**
superior a 50 mil toneladas.

A **C. N. N.** ao serviço do Império
leva o nome de Lisboa a todos os mares do mundo

LISBOA

RUA DO COMÉRCIO, 85
TELEF. 23021/6

PORTO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 73
TELEF. 22438/9

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital realizado 80.000.000\$00
Fundos de Reserva 82.500.000\$00

SEDE EM LISBOA

Dependências urbanas:

ALCANTARA, POÇO DO BISPO, CONDE BARÃO,
AIMIRANTE REIS, BEMFICA, PRAÇA DO BRASIL
PRAÇA DO CHILE e PRAÇA DUQUE SALDANHA.

Filiais e Agências:

PORTO, COIMBRA, BRAGA, FARO, COVILHÃ,
PONTA DELGADA TORRES VEDRAS, S. JOAO DA
MADEIRA, SANTAREM, TORRES NOVAS, GOU-
VEIA, ESTORIL, TORTOZENDO, ABRANTES, MAN-
GUALDE, FIGUEIRO DOS VINHOS, OLHÃO, MAIO-
ZINHOS, MOURA, GUARDA, ESPINHO, MONTIJO,
VILA FRANCA DE XIRA e MONTEMOR-O-NOVO.

— TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS —

CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161/Telef. 2 4264-65 P. B. X./LISBOA
Rua Sá da Bandeira, 166/Telef. 1361 P. B. X./PORTO

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para
HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos
ON PARLE FRANÇAIS ENGLISH SPOKEN

EXPOSIÇÕES



GRÁFICOS

Recortes, letras em madeira e cortiça
Trabalhos de Carpintaria e Marceneria

Tel. 21483

◆ 42, RUA DA VINHA, 42-A ◆

LISBOA

ELECTROLUX, LIMITADA

Sede em **LISBOA:**

Av. da Liberdade, 141



Sucursal no **PORTO**

Delegação em **COIMBRA**

DISTRIBUIDORES DOS TAO CONHECIDOS:

aspiradores de pó,

frigoríficos domésticos,

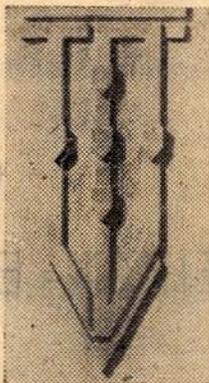
enceradoras eléctricas

e motores para fora da borda.

CAPTAÇÕES

DE ÁGUA

SUBTERRÂNEA



FUNDAÇÕES

DE TODOS

OS GÉNEROS

(Um quarto de século de especialização técnica)

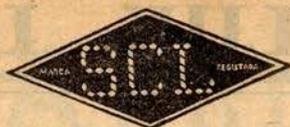
Empresa de Sondagens e Fundações

TEIXEIRA DUARTE, L.^{DA}

Rua da Betesga, 57, 3.º, Esq.

LISBOA

TELE { FONES: 58135-58136
GRAMAS: MALHAS



CÓDIGOS { ABC — 5.ª Edição
R I B E I R O

MARCA REGISTRADA

SIMÕES & C.ª, LIMITADA

AVENIDA GOMES PEREIRA — BENFICA

FUNDADA EM 1907

A mais importante Fábrica de artefactos de malha do País. Fabricação de meias, peúgas, camisolas e roupa de malha para homens, senhoras e crianças, em algodão, lã e sêda

**CRIADORA DA BEM CONHECIDA E AGREDITADA MEIA «SUPERKALIO»
E DAS ROUPAS «SUPREMA»**

MARMORES E CANTARIAS DE PERO PINHEIRO - ESTREMOZ, L.ª DA

SEDE:
PERO PINHEIRO

Telef. PP 55

ESCRITÓRIO EM LISBOA

P. RESTAURADORES, 65-1.º D.º

Telef. 2 4184

COMPANHIA

DE

DIAMANTES DE ANGOLA (DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
com o capital de Esc. 179.300.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes na Colónia
de ANGOLA em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL:

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 12 - 2.º — Teleg. **DIAMANG**
Escritórios em BRUXELAS, LONDRES e NOVA YORK

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Coronel Antonio Lopes Mateus

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

Mr. Firmin Van Brée

VICE - PRESIDENTE

Banco Burnay

ADMINISTRADOR - DELEGADO

Ernesto de Vilhena

DIRECCÃO GERAL NA **LUNDA**
REPRESENTAÇÃO EM **LUANDA**

urivesaria da Guia

FUNDADA EM 1875

AS — OURO — PRATAS — RELOGIOS

Martim Moniz, 2-10 / Telefone 28336
da Mouraria, 7-11 LISBOA

Bertrand (Irmãos), L.^{da}

Fotogravura

Tipografia

Fotólito

Desenho

T. Condessa do Rio, 27 — Telef.-2 1368 2 1227

ão & Comp.^a

Antiquários

R. D. Pedro V, 51
Telefone 2 8441
LISBOA

ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA
EXCELENTE ESTRADA MARGINAL

Rápido serviço de comboios eléctricos
Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos:

Golf, (15 buracos), Ténis, Hipismo, Natação, Esgrima, Tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel:

Moderno e elegante — Magnífica situação.

Hotel do Parque:

Todo o conforto — Anexo às termas.

Monte Estoril-Hotel:

(antigo Hotel de Itália) completamente modernizado.

Estoril-Termas:

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Análises Clínicas — Gimnástica Médica — Maçagens.

Tamariz:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar.

PISCINA de água tépida — SALA de ARMAS
ESCOLA DE EQUITAÇÃO — STANDS DE TIRO

CASINO:

Aberto todo o ano
Cinema — Concertos — Festas
Dancing — Restaurante — Bars
Jogos autorizados

Informações: — Soc. Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL

Romão & Comp.^a

Fabricantes
de Balanças

Fundada em 1778

13, Cruzes da Sé, 29
Telefone 2 2305

LISBOA



OMPRA M
RANDES
E
EQUENAS
BLIOTECAS
VRARIA
LECTICA

ada do Combro, 58
Telef. 2 8663

Alberto Alves Natário

Encadernação: simples e de luxo

Vivenda Yolanda
Bairro da Mina
AMADORA

é Francisco de Oliveira

TELEFONE 2 9635

Rua do Amparo, 94, 1.º-E.

LISBOA

Tem em depósito as edições da
TORA EDUCAÇÃO NACIONAL, LTD.
TORIAL DOMINGOS BARREIRA

A COROA DE OURO

FLORES E COROAS ARTIFICIAIS
FLORES DE LARANJEIRA PARA NOIVAS
SANTOS EM TODAS AS DIMENSÕES

RESTAuros EM IMAGENS ANTIGAS E MODERNAS

RUA DO CRUCIFIXO, 94
(esquina da Rua da Victoria)